



GABINETE ELEITORAL AMERICANO

CLINTON VS BUSH (1992)

DIPLOMUN ONLINE 2021
1 E 2 DE MAIO

SUMÁRIO

CARTA DOS DIRETORES	5
INTRODUÇÃO E COMITÊ.....	6
DOCUMENTOS	10
Plano de Campanha.....	10
Ordens	11
Tipo de Ordem: Nota à Imprensa	13
Exemplo de Nota à Imprensa.....	13
O CONTEXTO HISTÓRICO DOS ESTADOS UNIDOS (1992).....	14
A democracia.....	14
A Guerra do Golfo	14
Civil Rights Act.....	15
Taxação de fortunas nos EUA.....	15
Universal Healthcare	16
HISTÓRICO ELEITORAL NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA	17
O início da democracia nos EUA.....	17
Electoral college X The popular vote	17
Two-party system (o sistema bipartidário dos EUA)	19
Democratas e Republicanos: histórico até 1992	20
Democratas.....	20
Período de formação do partido Democrata (1820-1828)	20
1º Democrata: Governo Jackson (1828-1836)	21
2º, 3º Democratas: Martin Van Buren (1837–1841), Tyler* (1841–1845), James K. Polk (1845–1849) - os Presidentes do Segundo Sistema Partidário	22
4º e 5º Democratas: Franklin Pierce (1853-1857) and James Buchanan (1857-1861) - os últimos presidentes do Segundo Sistema Partidário	23
Guerra Civil e Abraham Lincoln (1861–1865).....	23

6º Democrata Andrew Johnson - o governo congelado pelo Congresso Americano	24
7º e 8º Democratas: Cleveland (1885-1889), Cleveland (1893-1897) - o retorno da hegemonia democrata.....	25
9º Democrata Woodrow Wilson (1913–1921)	25
10º Democrata Franklin D. Roosevelt (1933–1945) - o presidente que solidificou os democratas como estadistas	26
11º Democrata Harry S. Truman (1945–1953).....	27
12º Democrata John F. Kennedy (1961–1963).....	28
13º Democrata Lyndon B. Johnson (1963–1969)	28
Domínio republicano: Richard Nixon (1969–1974) and Gerald Ford (1974–1977).....	31
14º Democrata Jimmy Carter (1977–1981)	31
Ronald Reagan (1981–1989) - a batalha contra o Reaganismo	32
Republicanos	34
Período de formação republicano (1854–1860).....	34
A Guerra Civil Americana e 1º Republicano Abraham Lincoln (1861–1865).....	35
2º Republicano Ulysses S. Grant - o herói de guerra	36
3º Republicano Rutherford Hayes (1877-1881), 4º Republicano James Garfield (1881-1881), 5º Republicano Chester Arthur (1881-1885) - Idade de Ouro	38
6º Republicano Benjamin Harrison - o governo de um mês	39
7º Republicano William McKinley - Era Progressiva (1896-1932).....	40
8º Republicano Theodore Roosevelt - a grande personalidade.....	40
9º Republicano William Taft	41
10º Republicano Warren G. Harding (1921-1923), 11º Republicano Calvin Coolidge (1923-1929), 12º Republicano Herbert Hoover (1929-1933) - o domínio Republicano da década de 1920	42
Interlúdio Democrata.....	43
Realinhamento com o Sul	45
13º Republicano Dwight Eisenhower (1953-1961), 14º Republicano Richard Nixon (1969-1974), 15º Republicano Gerald Ford (1974-1977)	46

16º Republicano Ronald Reagan (1980-1988) - Revolução Reagan.....	50
Governo Republicano atual: George H. W. Bush (1989–1993)	52
VALORES DOS PARTIDOS EM 1992	53
ESTRUTURA DE UMA ELEIÇÃO AMERICANA	54
QUEM FOI GEORGE H. W. BUSH: O 41º PRESIDENTE DOS ESTADOS UNIDOS.....	56
DESDOBRE POLÍTICO: BUSH E O GOVERNO NORTE AMERICANO	58
WILLIAM JEFFERSON BLYTHE III: CONHEÇA BILL CLINTON.....	63
O GOVERNO CLINTON: QUADRO POLÍTICO	65
ANÁLISES DE DADOS DEMOGRÁFICOS	69
A ELEIÇÃO DE 92	72
POSICIONAMENTOS.....	76
Gabinete Democrata	76
Gabinete Republicano	81
Jornais	86
REFERÊNCIAS	88

CARTA DOS DIRETORES

Caros delegados,

Sejam bem-vindos ao Guia de Estudos do Gabinete Eleitoral Americano da DiploMUN Online 2021!

Esse documento com muito carinho pelas mesas diretoras e abordamos os tópicos que acreditamos serem os mais importantes para que vocês possam desenvolver o debate nos dias do evento.

Gostaríamos de salientar que para tudo tem uma primeira vez e que talvez a sua seja aqui e não poderíamos estar mais contentes em fazer parte desse primeiro passo contigo. Pode parecer muito assustador ter que entender as políticas dos países, os procedimentos das conferências e a loucura que é defender tudo que vai de encontro ao que você acredita. Mas é aí que se encontra a chave da questão, a magia das simulações da ONU: O desafio. O combate entre o você de agora e quem você gostaria de ser.

As simulações vão muito além de desenvolver a oratória, liderança e trabalho em grupo. As simulações são olhares diferentes para aqueles que nos cercam, são os olhares de preocupação com o nosso futuro, com o futuro do mundo em que queremos viver.

O Gabinete traz para os senhores uma proposta muito diferenciada e avançada sobre os olhares das simulações da ONU. O Gabinete está levando vocês de volta para o passado, para um momento marcante na história da política ocidental. Ele está deixando em suas mãos o futuro dessas eleições e está dando a oportunidade de vocês pintarem esse mapa de vermelho ou azul.

Sejam os líderes globais que esse mundo almeja. Sejam vocês! Boa sorte.

Atenciosamente,

Equipe Diplomun.

INTRODUÇÃO E COMITÊ

O Gabinete Eleitoral

Disputar uma eleição é para poucos; vencê-la, é para menos ainda. Para disputar uma eleição nos Estados Unidos da América, é preciso ter garra, estratégia, ímpeto e uma vontade inabalável de vencer, e são justamente tais atributos que serão testados no Gabinete Eleitoral Americano.

O gabinete é um comitê que se difere dos outros em diversos aspectos. Seus vários nomes, como comitê de crise e open-agenda, encarnam alguma característica que constitui a essência deste comitê em particular. Colocando de forma simples: O gabinete é um vácuo no espaço e tempo em que a história se repete. Este comitê tradicionalmente histórico tem o objetivo pedagógico de dissecar um momento específico que alterou o futuro de uma nação, às vezes do mundo, da maneira mais pessoal e empática possível: fazendo seus delegados revivê-lo. No gabinete, guerras são travadas no nosso microverso e as decisões de um delegado podem redimir o seu lado do conflito, eleições são disputadas, vencidas pelo outro lado e a história se desvia completamente do curso que conhecemos. E esta é a beleza do comitê. É comum que a diretoria avise com antecedência que o lado perdedor tem uma vantagem quando o comitê começa, pois ele sabe o que deu errado, enquanto pode não ficar tão claro para o lado vencedor o que deu certo. Esta diferença é regulada através das várias crises com as quais os delegados terão que lidar ao longo dos dias e patrocinadas pela mesa diretora. Crises estas que podem garantir ou afundar uma campanha presidencial se a equipe não for rápida e astuta o suficiente para resolvê-la.

Cada um dos gabinetes, o Democrata e o Republicano, tem um único objetivo: eleger o seu candidato. Para garantir isso, a força de ambos os lados está em seus indivíduos. A hierarquia interna de uma campanha presidencial é um pouco menos rígida do que seria a de uma cúpula militar, por exemplo, e com isso é imprescindível que todos os delegados contribuam com ideias e trabalho. No gabinete ideal, o ambiente é caótico de forma orgânica, ninguém nunca está de mãos vazias, todos terão o seu momento de falar e nenhuma ideia pode ser considerada a melhor antes de ser posta à prova pelos seus colegas vinte vezes. É preciso que os delegados tenham a sensibilidade necessária para compreender como até uma palavra errada em uma nota à imprensa perfeita pode virar seu eleitorado contra o candidato.

Conhecer estratégias de campanha e saber adaptá-las para o comitê é fundamental. Compreender o povo americano, suas necessidades, valores e desafetos é indispensável.

As representações de Staff (gerente de campanha, estrategistas de campanha) vão usufruir de muito mais liberdade individual por não serem figuras públicas, dando espaço para que elas enviem os planos mais audaciosos para poupar a imagem de aliados em uma possível exposição. Os delegados podem fazer qualquer coisa em suas ordens, desde que estejam cientes de que: se a ordem vier com uma falha sequer para ser explorada, a mesa não apenas pode fazê-la ter o efeito contrário como pode expor seus planos à imprensa e o seu júri será o povo americano. As representações de Staff têm um pouco mais de autoridade logística dentro do gabinete, justamente porque o trabalho delas, no mundo real, seria gerenciar a vida e o comportamento das representações políticas de forma que a eleição seja ganha.

Para as representações políticas, o decoro será fundamental. Se uma discussão irromper entre George Bush e seu Ministro das Relações Exteriores, a manchete do dia seguinte será “Diante da pressão de campanha, presidente Bush desconta sua frustração em membros vitais de sua administração”. Em contrapartida, representações políticas recebem todo o poder de seus cargos, assim como o dever de gerenciá-los, podendo movimentar seu capital político da maneira como preferirem. Por isso, pode-se argumentar que o gabinete vermelho está em desvantagem. George Bush ainda é presidente e o Estado americano ainda é responsabilidade da administração presente no comitê. Uma possível vantagem dessa posição é que nenhuma campanha é tão efetiva quanto um bom governo.

As ordens que os delegados poderão enviar serão limitadas apenas por limites físicos, como por exemplo: Se o gabinete por um erro marcar dois compromissos para o candidato ao mesmo tempo, a mesa vai escolher em qual deles ele realmente vai aparecer e o outro será um fiasco por consequência. Se a ordem não puder ser executada ou precisar de mais clarificações a mesa irá enviá-la de volta com os questionamentos necessários ou pedindo a reformulação dela, isto acontecendo em uma crise com contagem regressiva pode ser o erro mais grave que aquela campanha já cometeu. Não existe um limite de ordens que um gabinete pode enviar, mas ordens repetidas, seja por qual motivo, serão ignoradas na caixa de entrada e notificadas ao comitê. É de bom tom que todos os membros do gabinete estejam cientes de quais ordens estão sendo enviadas, mas este não é um pré-requisito para que elas sejam executadas, desde que seja uma ordem individual. Se um delegado enviar uma ordem fora de sua jurisdição, o comitê será acionado e dependendo da ordem, este pode sofrer as consequências. Não é um problema que, por exemplo, o secretário de tesouraria do gabinete

republicano escreva ordens para a campanha de Bush, mas se as ordens forem enviadas com o mesmo de patrocinador, questionamentos sobre membros do governo estarem sendo realocados de seus trabalhos em prol do povo americano para trabalhar em prol da reeleição irão surgir.

Durante a simulação é imposto um pacto de sigilo entre os gabinetes Democrata e Republicano, considerando que quase tudo que será discutido será de alguma forma confidencial. Delegados de comitês diferentes não devem falar sobre os seus comitês com o inimigo.

Ainda no tópico de sigilo, a mesa não aceitará moções para a expulsão da Agência de Comunicações, o que ela oferece é um acordo. As crises confidenciais serão apresentadas ao comitê com o selo de confidencialidade e não poderão ser divulgadas até que o comitê esteja pronto para ir a público ou que a mesa autorize o contrário. As crises comuns terão contagem de tempo para quando a informação irá inevitavelmente vazar para a imprensa e só o que o comitê poderá fazer é elaborar o melhor plano de contingência possível, ou negociar uma saída com a AC. É comum em gabinetes que a AC seja uma preocupação e artifício constantemente presente durante todo o tempo, recebendo informações tanto dos delegados quanto da mesa e estando livres para trabalhar com elas como preferirem. Não é um exagero dizer que a imprensa é o quarto poder e antagonizá-la só vai ferir a imagem dos candidatos e da campanha perante a população. O jornalista que quebrar o pacto de sigilo uma vez será sancionado e estará em observação, e se o advento voltar a ocorrer, a moção para a expulsão da AC será reconhecida.

É recomendado que durante o andamento do comitê os delegados se refiram uns aos outros com o sobrenome e/ou cargo da sua respectiva representação, respeitando os pronomes particulares do delegado em si. Em caso de troca de gêneros em representações políticas, esta deve ser tratada com os pronomes do delegado dentro do gabinete, mas em qualquer material público como ordens, entrevistas e debates, o político deve manter o gênero original da representação, para evitar que os fatores que remetem a cada gênero interfiram nos números da campanha. O comitê irá ocorrer em sua maior parte em debate não moderado, mas o decoro deve ser mantido a todo instante assim como o respeito absoluto dos delegados com o tema. Sempre haverá um membro da mesa diretora dentro da sala para receber pontos de dúvida e moções, ou moderar, caso o comitê queira, e este será o responsável por avaliar os delegados naquela sessão.

Uma vez que o comitê comece é importante que os delegados tenham em mente que o futuro não existe mais. Eles estarão em 1992 e da mesma forma como alguns eventos históricos podem se repetir, tudo pode ser diferente. Uma vez que a sorte for lançada e o comitê começar a acontecer, o conhecimento extensivo de história após-92 pode se tornar obsoleto, não se prendam a ele. É preciso ter consciência de que cada movimento dos gabinetes fará parte de um efeito borboleta que, na nossa linha do tempo, não apenas vai ditar o resultado da eleição como reescrever o futuro dos EUA. É uma oportunidade única de sentir na pele a sensação de fazer história. Não a desperdicem.



DOCUMENTOS

Plano de Campanha

Visando potencializar a pesquisa de estratégias iniciais, os delegados do Gabinete Eleitoral Americano deverão confeccionar um Plano de Campanha durante o pré-conferência. O documento deve seguir o modelo abaixo e responder a seguinte pergunta:

"Qual seria a melhor estratégia de campanha que seu gabinete deveria tomar para o seu candidato vencer a eleição?"

Os documentos devem ser enviados até o dia 28/04/2021 para o e-mail: gabinetediplomun2021@gmail.com

Símbolo do partido

[Nome completo da representação e cargo]

[Republicano ou Democrata]

1º Parágrafo:

Aqui, deve-se introduzir o plano de campanha em questão.

2º Parágrafo:

No segundo parágrafo, é necessário elucidar o raciocínio por trás do plano.

3º Parágrafo:

Aqui, é importante explicar detalhadamente como o plano será executada e detalhar medidas necessárias para alcançar o seu sucesso.

4º Parágrafo:

Por fim, deve-se explicar os resultados esperados do plano de campanha.

[Nome da representação e cargo]

Ordens

- As ordens serão incorporadas no corpo do e-mail seguindo a forma oferecida abaixo.
- As ordens devem vir numeradas para estabelecer uma hierarquia de resposta.
- Duas ordens com o mesmo número serão ignoradas, pois elas são sintoma de má comunicação dentro do comitê.
- É recomendado que o gabinete tenha um único documento com todas as ordens para que esse problema não ocorra.
- A mesa está aberta para consultoria, mas ela não pode oferecer respostas prontas.
- Os nomes das ordens devem ser marcantes para que tanto a mesa quanto os delegados não se confundam quanto ao conteúdo das mesmas.
- Toda ordem executada em sua totalidade receberá feedback populacional.

ORDEM #1 (Republicano)

NOME DA ORDEM: You get a vote! And you get a vote!

PATROCINADOR (quem enviou a ordem e seria responsável pela sua execução): Mary Matalin, Operadora De Campanha.

SIGNATÁRIOS (Todos que precisam estar de acordo com a ordem e fazem parte dela): Barbara Bush.

ORDEM (o mais claro e preciso possível): Entrar em contato com a equipe da apresentadora de talk show Oprah Winfrey para tentar marcar uma entrevista dela com a Primeira-Dama Barbara Bush.

OBJETIVO: Fins de campanha, testar a imagem da Primeira-Dama aos olhos do público.

SOLICITAÇÃO EXECUTIVA (pedido especial que pode ou não ser acatado pela mesa): Que a negociação possa ocorrer em uma conversa direta, que um representante da equipe de Oprah seja enviado ao comitê.

Esta ordem provavelmente irá resultar com uma negociação com a equipe de Oprah, que caso esta diga sim, vai ser necessário que a equipe de campanha pense em um roteiro para a entrevista em prol de não constranger a Primeira-Dama em rede nacional.

ORDEM #1 (Democrata)

NOME DA ORDEM: Dia de São Nunca.

PATROCINADOR: David Wilhelm, Gerente de Campanha.

SIGNATÁRIOS: Bill Clinton, Governador de Arkansas/Todas as figuras públicas que estariam presentes no comício.

ORDEM: Marcar um comício político em Arkansas em um estádio de Baseball X para X pessoas no dia 31 de fevereiro de 1992.

- Lista de figuras públicas que estariam presentes no comício.
- Tópicos que seriam abordados no comício.
- Prévia do discurso do candidato.

OBJETIVO: Garantir que o eleitorado base de Arkansas se sinta valorizado e Bill Clinton tenha uma aparição pública positiva.

SOLICITAÇÃO EXECUTIVA: Se for possível, que a atração musical deste comício sejam as Spice Girls

- Caso esta ordem seja acatada é provável que a mesa peça para que o candidato Clinton faça um discurso oral, que seria o apresentado no comício presencialmente, para a mesa e para os agentes de imprensa.

Tipo de Ordem: Nota à Imprensa

ORDEM #7 NOTA À IMPRENSA

REDATORES (A equipe que escreveu a nota):

PATROCINADOR (Em nome de quem o documento será enviado): Candidato Clinton

Exemplo de Nota à Imprensa

NOTA À IMPRENSA

17 de novembro de 1992

Little Rock, Arkansas

É com muito pesar que eu ofereço minhas condolências a família e amigos de Audre Lorde, uma das vozes americanas mais importantes da história. Hoje, os Estados Unidos da América perderam uma heroína, uma professora, uma guerreira, uma poeta que moldou as ruas de Nova York a sua imagem, e agora seu nome estará para sempre gravado em sua memória. O país inteiro está de luto, e por isso é importante ressaltar as lutas às quais Audre dedicou sua vida. Meu coração está, como sempre esteve, com a comunidade negra que perdeu mais um de seus ícones. Ainda temos um longo caminho até o “*Consideramos que essas verdades são evidentes por si mesmas, que todos os homens são criados iguais, que são dotados por seu Criador com certos direitos inalienáveis, que entre estes estão a Vida, a Liberdade e a busca da Felicidade*” escrito em nossa adorada declaração da independência se tornem verdadeiras e esta será uma prioridade do governo Clinton caso a América me escolha.

William Jefferson Clinton.

O CONTEXTO HISTÓRICO DOS ESTADOS UNIDOS (1992)

A democracia

A política dos Estados Unidos tem operado sob um sistema bipartidário (isto é, dividido em dois partidos) pela maior parte de sua história. Para a maioria dos cargos eletivos de diferentes níveis, eleições primárias administradas pelo Estado escolhem os candidatos dos grandes partidos para eleições gerais. Desde a eleição geral de 1856, os principais partidos são o Partido Democrata e o Partido Republicano.

Dentro da cultura política americana, a posição ideológica do Partido Republicano é considerada de centro-direita ou conservadora. O Partido Democrata é considerado de centro-esquerda ou liberal. Os estados do Nordeste e da Costa Oeste e alguns estados da região Grandes Lagos, conhecidos como "estados azuis", são relativamente liberais, e os "estados vermelhos" do Sul e partes das Grandes Planícies e das Montanhas Rochosas são relativamente conservadores.

Desde a fundação dos Estados Unidos, o governo do país tem notoriamente sido dominado principalmente por brancos, anglo-saxões e protestantes. Dentre os diversos marcos históricos nos Estados Unidos, a eleição presidencial de 1992 foi a 52ª eleição quadrienal, se tornando um marco para a democracia americana. O governador democrata Bill Clinton disputava o poder presidencial com o presidente republicano George HW Bush, e essa eleição resultaria no fim de um período de domínio republicano que começou em 1968, quando o Partido Democrata venceria o voto popular.

A Guerra do Golfo

Em 1991, Os EUA se veem em um conflito internacional: a **Guerra do Golfo**, que aconteceu entre os Estados Unidos e o Iraque. O ataque americano ao Iraque foi resultado da **invasão do Kuwait** pelo exército iraquiano em 1990. Essa guerra ficou internacionalmente conhecida, graças às imagens que foram transmitidas em tempo real pela cadeia televisiva dos Estados Unidos.

A invasão do Kuwait pelo Iraque foi consequência da insatisfação do governo iraquiano com determinadas ações do governo do Kuwait.

Após invadir o Kuwait, as forças iraquianas conquistaram rapidamente o país. Com a invasão, a família real kuwaitiana foi obrigada a fugir e estabelecer-se em Riad, capital da Arábia Saudita.

A invasão do Kuwait gerou uma reação internacional imediata e, no mesmo dia da invasão, o Conselho de Segurança da ONU divulgou a Resolução 660, que condenava a invasão coordenada pelos iraquianos e ordenava que as tropas do Iraque abandonassem o Kuwait de imediato. Porém as forças iraquianas mantiveram sua posição e se negaram a recuar.

As tropas americanas e britânicas instaladas na Arábia Saudita foram colocadas propositadamente para impedir uma possível invasão daquele país pelas tropas iraquianas. Em 29 de novembro de 1990, o Conselho de Segurança da ONU emitiu uma nova resolução contra o Iraque (Resolução 678). Nesta, a ONU estabelecia que as tropas iraquianas se retirassem do Kuwait até o dia 15 de janeiro de 1991.

Como o governo iraquiano seguiu ignorando as determinações do Conselho de Segurança da ONU, uma mobilização internacional, liderada pelos Estados Unidos da América foi acionada. Foram iniciados ataques aéreos contra o Iraque. Os ataques visavam a locais estratégicos e estenderam-se ao longo de 42 dias.

A **Guerra do Golfo** é vista por alguns estudiosos como a primeira parte de um conflito entre os Estados Unidos e o Iraque, e a invasão de 2003 seria uma segunda parte.

Civil Rights Act

O Civil Rights Act (Lei dos Direitos Civis) foi o diploma legal adotado pelos Estados Unidos em 1964 e que pôs fim aos diversos sistemas estaduais de segregação racial.

A lei teve sua proposta iniciada pelo então presidente John F. Kennedy em seu pronunciamento de 11 de junho de 1963, no qual ele pedia que fosse criada uma legislação capaz de "dar a todos os americanos o direito de serem servidos em todas as instalações abertas ao público - como hotéis, restaurantes, teatros, lojas e estabelecimentos similares", e ainda para "reforçar a proteção ao direito de voto.

Taxação de fortunas nos EUA

A taxaçoão de fortunas nos Estados Unidos, desde muito tempo, possui pouca (ou quase nenhuma) eficácia. A circulação monetária tem sido cada vez mais limitada, e a concentraçoão

de altas rendas na mão de bilionários se tornou algo cotidiano e incontrolável (algo muito bem previsto pela bolsa de valores).

Taxar fortunas no contexto americano se tornou sinônimo de nenhuma mudança.

Há um número crescente de americanos ricos seguindo uma direção diferente, no entanto. Nomes famosos, como Bill Gates, George Soros e Ray Dalio, vêm se manifestando em defesa de mais tributos para os mais ricos.

Universal Healthcare

Nos Estados Unidos, ao contrário dos planos de seguro saúde nacionalizados europeus, o mercado criou um sistema privado baseado no emprego. Seguindo a Lei de Estabilização de 1942, os empregadores, incapazes de fornecer salários mais altos para atrair ou reter funcionários, começaram a oferecer planos de seguro, incluindo pacotes de assistência médica, como um benefício adicional, iniciando assim a prática de seguro saúde patrocinado pelo empregador.

A assistência médica nos Estados Unidos é fornecida por muitas organizações distintas. Os estabelecimentos de saúde são em grande parte propriedade e operados por empresas do setor privado. 58% dos hospitais comunitários nos Estados Unidos são sem fins lucrativos, 21% são de propriedade do governo e 21% são com fins lucrativos. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), os Estados Unidos gastaram \$9.403 em saúde per capita e 17,9% em saúde como porcentagem de seu PIB em 2014. A cobertura de saúde é fornecida por uma combinação de seguro saúde privado e cobertura de saúde pública (por exemplo, Medicare, Medicaid). Os Estados Unidos não têm um programa de saúde universal, ao contrário da maioria dos outros países desenvolvidos.

Em 2013, 64% dos gastos com saúde foram pagos pelo governo e financiados por programas como Medicare, Medicaid, Children's Health Insurance Program e Veterans Health Administration. Pessoas com menos de 65 anos adquirem seguro por meio de seu empregador ou de um membro da família, adquirindo seguro saúde por conta própria, obtendo assistência governamental e/ou outra assistência com base na renda ou outra condição, ou não têm seguro. O seguro saúde para funcionários do setor público é fornecido principalmente pelo governo na sua função de empregador. Atenção gerenciada, onde os pagadores usam várias técnicas destinadas a melhorar a qualidade e limitar os custos, tornou-se onipresente.

HISTÓRICO ELEITORAL NOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

O início da democracia nos EUA

A política dos Estados Unidos tem operado sob um sistema bipartidário (isto é, constituído por dois partidos) pela maior parte de sua história. Para a maioria dos cargos eletivos de diferentes níveis, eleições primárias administradas pelo Estado escolhem os candidatos dos grandes partidos para subseqüentes eleições gerais. Desde a eleição geral de 1856, os principais partidos são o Partido Democrata, fundado em 1824, e o Partido Republicano, fundado em 1854. Desde a Guerra Civil, apenas um candidato presidencial de um terceiro partido, o ex-presidente Theodore Roosevelt, através do Partido Progressista em 1912, ganhou 20% do voto popular. O terceiro maior partido político do país é o Partido Libertário. Dentro da cultura política americana, a posição ideológica do Partido Republicano é considerada de centro-direita ou conservador e a do Partido Democrata é considerada de centro-esquerda ou liberal. Os estados do Nordeste e da Costa Oeste e alguns estados da região Grandes Lagos, conhecidos como "estados azuis", são relativamente liberais. Os "estados vermelhos" do Sul e partes das Grandes Planícies e das Montanhas Rochosas são relativamente conservadores.

Desde a fundação dos Estados Unidos, o governo do país tem sido principalmente dominado por brancos, anglo-saxões e protestantes (WASP).

Electoral college X The popular vote

O sistema que hoje elege o presidente e vice-presidente dos EUA foi elaborado em 1803, por meio da XII Emenda. O objetivo era ajustar os mecanismos eleitorais estabelecidos pela Constituição americana de 1787. Estes mecanismos se mostraram inadequados e estimulavam questionamentos e disputas políticas, inclusive porque, segundo as regras iniciais, os partidos podiam ter mais de um candidato presidencial concorrendo.

Basicamente, cada estado nomeará eleitores selecionados na forma determinada por seu legislativo, e desqualificará qualquer pessoa que ocupe um cargo federal, seja eleito ou nomeado, para ser um eleitor. Atualmente são 538 eleitores, sendo maioria absoluta de votos eleitorais - 270 ou mais - necessários para eleger o presidente e o vice-presidente.

Atualmente, todos os estados (e o Distrito de Columbia) usam o voto popular em todo o estado no dia da eleição, na primeira terça-feira após 1º de novembro. Todas as jurisdições usam o método do vencedor para atribuir seus votos eleitorais, com exceção de Maine e Nebraska, que usam o método de um eleitor por distrito em combinação com dois eleitores para o vencedor em todo o estado. Os eleitores se reúnem e votam em dezembro e o presidente é empossado em janeiro.

Em cada estado, cada partido político elabora uma lista de potenciais delegados, que depois são escolhidos pela população através de votação. O número de delegados por estado depende do tamanho da população e do número de parlamentares do estado na Câmara dos Representantes e no Senado. Califórnia, o estado mais populoso do país, por exemplo, tem 55 delegados, enquanto, Washington D. C. e outros estados pequenos têm apenas três. Há no total 538 votos no colégio eleitoral e um candidato vence a eleição presidencial se tiver pelo menos 270 votos colegiados.

Durante semanas, a população de cada estado pode votar no presidente e seu vice, tanto em urnas locais, como por correspondência. Os métodos de votação são determinados pelos estados, portanto os procedimentos variam de um para outro. Há precedentes para o apontamento de eleitores que não estão comprometidos com nenhum candidato presidencial, os chamados eleitores descomprometidos, mas desde a formação do modelo atual do Colégio Eleitoral pela Décima Segunda Emenda à Constituição dos Estados Unidos estes eleitores apenas foram apontados uma única vez, em 1960, e desde então não houve qualquer campanha séria para a eleição dos mesmos.

Entre os atuais problemas do sistema eleitoral americano, tem-se dois efeitos perversos principais: o questionamento da legitimidade da vitória via Colégio Eleitoral e o desprestígio em relação ao voto individual. No primeiro caso, apesar do resultado válido segundo as regras eleitorais, o presidente eleito sem a maioria dos votos populares tem de lidar com uma popularidade (e legitimidade) questionada desde o início de seu mandato.

Em relação ao peso do voto popular, acaba prevalecendo a percepção de que a participação não é importante, porque, no limite, não é a maioria dos votos que define o vencedor. Embora essa distorção tenha ocorrido em um número muito pequeno de casos, se considerarmos o total de eleições presidenciais já realizadas nos Estados Unidos, este é um dos principais argumentos dos democratas para defender as mudanças nas regras eleitorais. Recentemente, em discurso de lançamento de sua campanha como pré-candidata democrata à disputa

presidencial de 2020, a senadora Elizabeth Warren chamou a atenção para a importância da abolição do Colégio Eleitoral sob o lema de “every vote matters”

Two-party system (o sistema bipartidário dos EUA)

Um sistema bipartidário é um sistema em que dois grandes partidos políticos: nos Estados Unidos, o partido Democrata (centro-esquerda/ liberal) e o partido Republicano (centro-direita/ conservador). Esses partidos consistentemente dominam o cenário político. A qualquer momento, um dos dois partidos normalmente detém a maioria na legislatura.

Um partido é geralmente declarado partido da maioria ou governante, enquanto o outro é a minoria ou o partido da oposição.

Os Estados Unidos já possuíram um sistema de um e até de três partidos, mas atualmente, possui dois partidos dominantes.

Democratas e Republicanos: histórico até 1992

Os diretores recomendam que a leitura do histórico do Partido Democrata seja realizada primeiro, pois, se trata do mais antigo dentre os dois. Logo, há fatos e acontecimentos importantes para a contextualização do Partido Republicano que são figurados na narrativa democrata, por questões cronológicas.

Democratas

Período de formação do partido Democrata (1820-1828)

A origem do Partido Democrata vem da década de 1820. Nesse período, ocorre a campanha de apoio a Andrew Jackson, um ex-general americano que desafiou o *establishment* do Primeiro Sistema Partidário.

Foi a figura emblemática do general montado em seu burro, o animal que viria a se tornar o mascote do Partido Democrata, que marcou o início do Segundo Sistema Partidário dos Estados Unidos. Nesse período em que os Federalistas do primeiro sistema não mais figuravam no contexto político desde 1815, e no qual a Era dos Bons Sentimentos (1816-1824) findava, surge o Partido Democrata moderno e o seu rival, o Whig, que viria a dar origem ao Partido Republicano décadas depois.



Gravura de 1837 mostra Andrew Jackson e seu burro como a representação do Partido Democrata

público de educação. Além disso, instaurou práticas de perseguição e expulsão de povos nativos-americanos, como os Cherokees, de suas terras originárias para o Oeste Americano. O governo populista defendeu a “soberania do povo” em oposição aos ideais de leis escritas e preceitos constitucionais inalienáveis em defesa das minorias do Partido Whig. Ao entender que a concepção de cidadão comum democrata era a de homens brancos ruralistas, a defesa da escravatura era um dos principais pontos de apoio do Partido Democrata. Portanto, a hegemonia democrata nos estados do sul estadunidense era mantida, naturalmente, e assim permaneceria praticamente inabalável por diversas décadas.

2º, 3º Democratas: Martin Van Buren (1837–1841), Tyler* (1841–1845), James K. Polk (1845–1849) - os Presidentes do Segundo Sistema Partidário

Os governos subsequentes ao de Jackson figuraram o fortalecimento de medidas liberais que diminuíram cada vez mais o tamanho do Estado e mantiveram intactas seus posicionamentos hostis acerca dos povos autóctones e dos escravizados.

Martin Van Buren, o sucessor direto de Jackson enfrentou diversas dificuldades econômicas em seu governo, como o Pânico de 1837, um longo período de depressão, o que acarretou em uma drástica queda de popularidade do Partido Democrata. Assim, William Henry Harrison do Partido Whig levou a presidência em 1841. Apenas para morrer um mês depois e ser substituído pelo vice-presidente, John Tyler, ex-democrata que ainda estava fortemente alinhado com o antigo partido.

Portanto, em 1845 James K. Polk recobrou o poder do Partido Democrata e instaurou o Destino Manifesto, uma doutrina supremacista branca que defendia que os cidadãos estadunidenses de ascendência europeia possuíam direitos e deveres divinos de conquistar toda a extensão territorial da América do Norte. Essa filosofia foi a base da Conquista do Oeste Americano e do genocídio da grande maioria das populações indígenas da época, que eram vistas como bárbaros, inferiores e hereges pelos brancos cristãos.

Com o desejo de expandir as fronteiras para o Oeste, veio uma questão muito importante que se tornaria, em poucos anos, o pivô para a Guerra Civil Americana. Os novos estados anexados aos Estados Unidos deveriam permitir a escravatura? Os democratas de base escravista dos estados sulistas defendiam que sim. Já os Whig do norte eram contra, pois

temiam um crescimento ainda maior do poder político democrata, o que viria a comprometer o progresso dos trabalhadores brancos livres do Norte.

4º e 5º Democratas: Franklin Pierce (1853-1857) and James Buchanan (1857-1861) - os últimos presidentes do Segundo Sistema Partidário

Os governos de ambos são considerados desastres sem precedentes. Classificados como alguns dos piores governos da história dos Estados Unidos da América, o Partido Democrata passou por rupturas e crises internas que ocasionaram na Crise do Segundo Sistema Partidário e na Guerra Civil Americana.

Os confrontos seccionais aumentaram durante a década de 1850, a divisão do Partido Democrata entre o Norte e o Sul tornou-se mais profunda. O conflito foi encoberto nas convenções nacionais de 1852 e 1856, mas isso só piorou as coisas. A incompetência do democrata somente potencializou a disputa entre Norte e Sul acerca da legalidade da escravidão nas novas unidades da federação, o que tornou o cenário de paz insustentável.

Com a invasão do Kansas por apoiadores e opositores da escravidão que pretendiam votar a favor ou contra a escravidão, um conflito armado estourou no estado e abalou a nação. Nesse momento o Partido Whig desmoronou e o novo Partido Republicano foi fundado (1854) em oposição à expansão da escravidão e à Lei Kansas-Nebraska.

A partir desse momento, começava a Guerra de Secessão.

Em 1860, diante do fracasso do governo de Buchanan, os Democratas enfrentaram desunião quanto a quem deveria sucedê-lo. Nesse momento de fragilidade, o Republicano Abraham Lincoln acabou sendo eleito.

Guerra Civil e Abraham Lincoln (1861–1865)

Durante a Guerra Civil, os democratas do norte se dividiram em duas facções: os democratas de guerra, que apoiaram as políticas militares do presidente Lincoln; e os Copperheads, que se opunham fortemente a eles. Nenhuma política partidária era permitida na Confederação, cuja liderança política, ciente da confusão prevalecente na política americana antes da guerra e com uma necessidade urgente de unidade, em grande parte via os partidos políticos como inimigos da boa governança e especialmente imprudentes em tempos de guerra.

Conseqüentemente, o Partido Democrata suspendeu todas as operações durante a vida da Confederação (1861-1865).

O partidarismo floresceu no Norte e fortaleceu a administração Lincoln, à medida que os republicanos automaticamente se uniram a ele. Após o ataque a Fort Sumter, Douglas reuniu os democratas do norte em apoio à União, mas quando Douglas morreu, o partido não tinha uma figura proeminente no Norte e, em 1862, um elemento pacifista antiguerra estava ganhando força. Os elementos antiguerra mais intensos foram os Copperheads. O Partido Democrata se saiu bem nas eleições legislativas de 1862, mas em 1864 nomeou o general George McClellan (um democrata de guerra) em uma plataforma de paz e perdeu muito porque muitos democratas de guerra fugiram para o candidato da União Nacional, Abraham Lincoln. Muitos ex-Douglas democratas tornaram-se republicanos, especialmente soldados como os generais Ulysses S. Grant e John A. Logan. O primeiro, em especial, acabou tornando-se presidente dos Estados Unidos após Lincoln.

Fatos importantes da guerra:

1863 - Presidente Lincoln, oficialmente, abole a escravidão nos estados confederados;

1865 - Os Confederados são derrotados, a abolição da escravidão passa a ser respeitada sob a 13ª Emenda e Lincoln é assassinado;

Recomendação: assistir Lincoln (2012) dirigido por Steven Spielberg. O filme aborda os esforços do presidente Abraham Lincoln, em janeiro de 1865, para aprovar, formalmente, a abolição da escravidão nos Estados Unidos, enquanto a Guerra Civil ocorre.

6º Democrata Andrew Johnson - o governo congelado pelo Congresso Americano

No primeiro governo democrata pós-Guerra Civil, o Congresso Nacional, cuja composição era de esmagadora maioria republicana (dois terços das cadeiras legislativas), assumiu o controle definitivo das decisões nacionais do país. Desse modo, seu projeto de governo foi derrotado e os republicanos assumiram o controle do país por quatro mandatos consecutivos.

Entretanto, a depressão econômica nacional de 1873 deu a oportunidade aos democratas de recobrar o controle do Congresso em 1874, e, conseqüentemente, voltar ao poder em 1885.

7º e 8º Democratas: Cleveland (1885-1889), Cleveland (1893-1897) - o retorno da hegemonia democrata

Esse foi um período essencial para a consolidação do controle democrata sobre todos os estados do Sul (a partir do Compromisso de 1877). A partir daí, a hegemonia democrata no Sul ficou estabelecida pelas próximas décadas, devido à pouca influência do Partido Republicano nos estados sulistas.

Entretanto, a eleição de 1896 marcou um realinhamento político dos EUA com o Partido Republicano. Dentre os presidentes que marcaram o período, Theodore Roosevelt se destacou ao tornar-se o presidente americano com a maior popularidade desde Lincoln.

Todavia, aproveitando um momento de divisão interna no partido (Roosevelt x Taft), os Democratas conseguiram eleger um presidente democrata e um congresso majoritariamente democrata pela primeira vez em praticamente 20 anos.

9º Democrata Woodrow Wilson (1913–1921)

Nesse contexto em que os democratas aproveitaram as rupturas internas republicanas, o reformista intelectual Woodrow Wilson foi eleito para dois mandatos. Em seu governo, Wilson inaugurou um perfil até então inédito no Partido Democrata, o de um governante que liderou o Congresso Nacional na aprovação de diversas leis progressivas. A redução tarifária, o fortalecimento de leis antitruste, os novos programas a favor dos fazendeiros, os benefícios de horas e salários para trabalhadores ferroviários e a proibição do trabalho infantil foram algumas delas. Além disso, seu segundo mandato foi marcado pela aprovação do sufrágio universal feminino.

Entretanto, o perfil conservador democrata continuou presente diante da tolerância de Wilson para com a segregação racial dos políticos sulistas e da proibição da produção, do transporte e da venda de bebidas alcoólicas nos EUA. Por fim, a participação de sucesso dos EUA na Primeira Guerra Mundial ocorreu durante sua presidência.

Embora Wilson tenha tido um governo de muitos avanços e conquistas, o seu fim foi amargo. O Senado americano rejeitou o Tratado de Versailles e a Liga das Nações (forjados ao fim da Grande Guerra), o que abalou sua influência política, e uma onda de violência nos Estados Unidos, devido a conflitos de raça, provocaram um colapso da saúde do presidente.

Como resultado, os democratas sofreram uma derrota avassaladora em 1920, perdendo espaço, principalmente, nas cidades e espaços urbanos.

A década subsequente evidenciou uma minoria Democrata ineficiente e irrelevante no Congresso. Além disso, associações problemáticas de membros do Partido Democrata à organização supremacista branca Ku Klux Klan causaram severas rupturas ideológicas dentro do partido. Desse modo, os republicanos seguiram fortalecidos e levaram as eleições de 1924 e 1928. Entretanto, com o advento da Grande Depressão dos Estados Unidos, o Partido Republicano ficou mais uma vez enfraquecido, e os democratas aproveitaram a oportunidade para recobrar espaço nas eleições legislativas de 1930 e, conseqüentemente, ganharem a eleição presidencial de 1932.

Percebem como esse sistema é, historicamente, cíclico e repetitivo?

10º Democrata Franklin D. Roosevelt (1933–1945) - o presidente que solidificou os democratas como estadistas

A quebra da Bolsa de Valores em 1929 e a Grande Depressão que se seguiu prepararam o cenário para um governo mais progressista, no qual o Estado fosse mais atuante, e Franklin D. Roosevelt obteve uma vitória esmagadora na eleição de 1932, fazendo sua campanha em uma plataforma de "alívio, recuperação e reforma". Ou seja, alívio do desemprego e da miséria rural, recuperação da economia de volta ao normal e reformas estruturais de longo prazo para evitar uma repetição da Grande Depressão. Isso veio a ser denominado "The New Deal" após uma frase do discurso de aceitação de Roosevelt.

Naturalmente, os democratas também alcançaram grande maioria nas duas casas do Congresso e entre os governadores estaduais. Roosevelt alterou a natureza do partido, afastando-se do capitalismo *laissez-faire* e adotando uma ideologia de regulação econômica e seguro contra possíveis adversidades. Duas velhas palavras ganharam novos significados: "liberal" agora significava um defensor do New Deal, enquanto "conservador" significava um oponente.

Os programas do New Deal de Roosevelt se concentraram na criação de empregos por meio de projetos de obras públicas, bem como em programas de bem-estar social, como a Previdência Social. Também incluiu reformas abrangentes no sistema bancário, regulamentação do trabalho, transporte, comunicações e mercados de ações, bem como tentativas de regular os preços.

Suas políticas logo foram recompensadas ao unir uma coalizão diversificada de eleitores democratas chamada coalizão do New Deal, que incluía sindicatos, liberais, minorias (mais significativamente, católicos e judeus) e sulistas brancos liberais. Essa base de eleitores unida permitiu que os democratas fossem eleitos para o Congresso e a presidência por grande parte dos 30 anos seguintes. Os democratas conservadores ficaram indignados e liderados por Al Smith, eles formaram a Liga da Liberdade Americana em 1934 e contra-atacaram. Eles falharam e se aposentaram da política ou se juntaram ao Partido Republicano. Alguns deles, como Dean Acheson, encontraram seu caminho de volta para o Partido Democrata.

Ao realizar uma análise geral acerca da configuração do Partido Democrata, chega-se às seguintes conclusões: Roosevelt havia alinhado o partido com o liberalismo moderno. As principais pautas democratas passaram a ser a promoção do bem-estar social, a defesa dos sindicatos trabalhistas e a regulação de negócios, além do suporte aos fazendeiros e líderes étnicos. Nesse momento, as mesas realizam um giro de 180 graus e os republicanos passam a classificar-se como conservadores.

11º Democrata Harry S. Truman (1945–1953)

Harry S. Truman assumiu após a morte de Roosevelt, em 1945, mas as rachaduras dentro do partido que Roosevelt havia encoberto começaram a surgir. Os principais componentes incluíam as máquinas da cidade grande, os partidos estaduais e locais do Sul, a extrema esquerda e a "coalizão liberal" ou "coalizão liberal-trabalhista", formada pela AFL, CIO e grupos ideológicos como o NAACP (representando os negros), o American Jewish Congress (AJC) e Americans for Democratic Action (ADA) (representando os intelectuais liberais).

Esse cenário de desgaste deu espaço para um dos momentos mais curiosos da dança de cadeiras entre democratas e republicanos: a vitória do General Dwight D. Eisenhower, republicano, sobre Adlai Stevenson, democrata. Esse fato também proporcionou um breve controle republicano de ambas as casas do Congresso por um mandato. No Congresso, a poderosa equipe do presidente da Câmara dos texanos, Sam Rayburn, e do líder da maioria no Senado, Lyndon B. Johnson, manteve o partido unido, muitas vezes por meio de acordos com Eisenhower. Em 1958, o partido obteve ganhos dramáticos na metade do mandato e parecia ter um controle permanente sobre o Congresso, em grande parte graças ao trabalho organizado. De fato, os democratas tiveram maioria na Câmara em todas as eleições de 1930 a 1992 (exceto 1946 e 1952).

Diante do fato da maioria dos congressistas do sul serem democratas conservadores e geralmente trabalharem com republicanos conservadores, uma coalizão conservadora bloqueou praticamente toda a legislação doméstica liberal de 1937 a 1970, exceto por um breve período de 1964 a 1965, quando Johnson neutralizou seu poder. O contrapeso à coalizão conservadora foi o Grupo de Estudos Democráticos, que liderou a acusação de liberalizar as instituições do Congresso e, por fim, aprovar grande parte do programa Kennedy-Johnson.

12º Democrata John F. Kennedy (1961–1963)

A eleição de John F. Kennedy em 1960, aliado do então vice-presidente, Richard Nixon, revigorou o partido. Sua juventude, vigor e inteligência cativaram a imaginação popular e ele se tornou o primeiro presidente com status de “celebridade” ou “popstar”. Frutos de um homem liberal, os programas de JFK, como o Peace Corps, aproveitaram o idealismo, mas sofreram resistência por parte da coalizão conservadora.

Kennedy também defendeu os direitos civis e a integração racial, postura inédita de um presidente americano. Talvez por suas posturas tão inovadoras para a época, ele foi vítima de um atentado fatal em 22 de novembro de 1963, em Dallas, Texas, quando ainda estava na metade do primeiro mandato.

Sugestão: assistir Jackie (2016) dirigido por Pablo Larrain disponível na Netflix. O filme aborda o assassinato de John F. Kennedy pelo ponto de vista da viúva, a ex-primeira dama Jackie Kennedy.

13º Democrata Lyndon B. Johnson (1963–1969)

Nesse momento caótico da história estadunidense, o então vice-presidente Lyndon B. Johnson foi empossado como o novo presidente. Johnson, herdeiro dos ideais do New Deal, quebrou a coalizão conservadora no Congresso e aprovou um número notável de leis, conhecidas como a Grande Sociedade. Johnson conseguiu aprovar importantes leis de Direitos Civis que reiniciaram a integração racial no sul. Ao mesmo tempo, Johnson intensificou a Guerra do Vietnã, levando a um conflito interno dentro do Partido Democrata que destruiu o partido nas eleições de 1968.

A plataforma do Partido Democrata da década de 1960 foi amplamente formada pelos ideais da "Grande Sociedade" do presidente Johnson. A coalizão do New Deal começou a se fragmentar à medida que mais líderes democratas expressavam apoio aos direitos civis, perturbando a base tradicional do partido de democratas do sul e católicos nas cidades do norte. O segregacionista George Wallace capitalizou a agitação católica nas primárias democratas em 1964 e 1972. Depois que a plataforma de Harry Truman deu forte apoio aos direitos civis e às leis anti-segregação durante a Convenção Nacional Democrata de 1948, muitos delegados do Sul do Democrata decidiram se separar do partido e formaram os "Dixiecrats", liderados pelo governador da Carolina do Sul Strom Thurmond (que, como senador, mais tarde ingressaria no Partido Republicano).

Por outro lado, os afro-americanos, que tradicionalmente deram forte apoio ao Partido Republicano desde sua criação como o "partido antiescravista", após trocar a vasta maioria de seus votos na década de trinta devido aos benefícios do New Deal, continuaram a mudança para o Partido Democrata, em grande parte devido à defesa e apoio aos direitos civis por democratas proeminentes como Hubert Humphrey e Eleanor Roosevelt, e a troca de máquinas locais para os democratas, como em Chicago. Embora o republicano Dwight D. Eisenhower carregasse metade do Sul em 1952 e 1956 e o senador Barry Goldwater também carregasse cinco estados do Sul em 1964, o democrata Jimmy Carter carregou todo o Sul, exceto a Virgínia e não houve realinhamento de longo prazo até as vitórias arrebatadoras de Ronald Reagan em o Sul em 1980 e 1984.

A marcante reversão do partido nas questões de direitos civis teve seu ápice quando o presidente democrata Lyndon B. Johnson sancionou a Lei dos Direitos Civis de 1964. A lei foi aprovada na Câmara e no Senado por maioria republicana e democrata. A maioria dos democratas e todos os republicanos do Sul se opuseram ao ato. O ano de 1968 marcou uma grande crise para o partido.

Em janeiro, a opinião pública americana contra a Guerra do Vietnã. O senador Eugene McCarthy reuniu intelectuais e estudantes antiguerra em campus universitários e ficou a poucos pontos percentuais de derrotar Johnson nas primárias de New Hampshire: Johnson estava permanentemente enfraquecido. Quatro dias depois, o senador Robert F. Kennedy, irmão do falecido presidente, entrou na disputa. Johnson surpreendeu a nação em 31 de março quando se retirou da corrida e quatro semanas depois seu vice-presidente Hubert H. Humphrey entrou na corrida, embora não tenha corrido em nenhuma primária. Kennedy e McCarthy negociaram vitórias nas primárias, enquanto Humphrey reunia o apoio dos

sindicatos e dos chefes das grandes cidades. Kennedy venceu a crítica primária da Califórnia em 4 de junho, mas foi assassinado naquela noite. Mesmo quando Kennedy ganhou a Califórnia, Humphrey já tinha acumulado 1.000 dos 1.312 votos de delegados necessários para a nomeação, enquanto Kennedy tinha cerca de 700.

Durante a Convenção Nacional Democrata de 1968, enquanto o Departamento de Polícia de Chicago e a Guarda Nacional do Exército de Illinois enfrentaram violentamente os manifestantes anti-guerra nas ruas e parques de Chicago, os democratas indicaram Humphrey.

Sugestão: assistir “Os 7 de Chicago” (2020) dirigido por Aaron Sorkin e disponível no catálogo da Netflix. O filme aborda as manifestações contra a Guerra do Vietnã que ocorreram em Chicago durante a Convenção Nacional Democrata de 1968 e suas consequências políticas e culturais nos EUA.

Enquanto isso, o governador democrata do Alabama, George C. Wallace, lançou uma campanha de terceiros e em um ponto estava concorrendo em segundo lugar para o candidato republicano Richard Nixon. Nixon quase não ganhou, com os democratas mantendo o controle do Congresso. O partido estava agora tão dividido que não voltaria a ganhar a maioria do voto popular para presidente até 1976, quando Jimmy Carter ganhou o voto popular em 1976 com 50,1%.

O grau em que os democratas do sul abandonaram o partido tornou-se evidente na eleição presidencial de 1968, quando os votos eleitorais de todos os ex-estados confederados, exceto o Texas, foram para o republicano Richard Nixon ou para o independente Wallace. Os votos eleitorais de Humphrey vieram, principalmente, dos estados do Norte, marcando uma reversão dramática em relação à eleição de 1948, 20 anos antes, quando os votos eleitorais republicanos perdedores estavam concentrados nos mesmos estados.

Após a derrota do partido em 1968, a Comissão McGovern-Fraser propôs e o partido adotou mudanças de longo alcance em como os delegados para a convenção nacional eram selecionados, resultando em mais poder sobre a seleção do candidato presidencial acumulado para as bases. Logo, as primárias presidenciais tornaram-se, significativamente, mais importantes. Em 1972, os democratas moveram-se para a esquerda e nomearam o senador George McGovern (SD) como o candidato presidencial em uma plataforma que defendia, entre outras coisas, a retirada imediata dos EUA do Vietnã (com seu slogan antiguerra "Venha para casa, América!") e uma renda mínima garantida para todos os americanos. As forças de

McGovern na convenção nacional expulsaram o prefeito Richard J. Daley e toda a delegação de Chicago, substituindo-os por insurgentes liderados por Jesse Jackson.

Domínio republicano: Richard Nixon (1969–1974) and Gerald Ford (1974–1977)

Os efeitos que a derrota de George McGovern na eleição de 1972 teve sobre o Partido Democrata foram duradouros, mas foram interrompidos pelo escândalo de Nixon que interrompeu, temporariamente, o declínio do partido de maneiras totalmente inesperadas. O infame escândalo Watergate destruiu a Presidência Nixon. Com o perdão de Nixon por Gerald Ford logo após sua renúncia em 1974, os democratas usaram a questão da "corrupção" para obter grandes ganhos nas eleições deste ano. Em 1976, a desconfiança na administração, complicada por uma combinação de recessão econômica e inflação, às vezes chamada de "estagflação", levou à derrota de Ford para Jimmy Carter, um ex-governador da Geórgia. Carter venceu como um *outsider* pouco conhecido ao prometer honestidade em Washington, uma mensagem que foi bem recebida pelos eleitores quando ele varreu o Sul e venceu por pouco.

Sugestão: assistir “All the President's Men” (1976) dirigido por Alan J. Pakula. O filme aborda o escândalo de Watergate noticiado pelo jornal *Washington Post*. Dois jornalistas do periódico descobrem uma rede de espionagem e lavagem de dinheiro republicana contra o Partido Democrata, o que acaba por levar à renúncia do então presidente Richard Nixon.

14º Democrata Jimmy Carter (1977–1981)

Carter era agricultor de amendoim, senador estadual e governador por um único mandato com mínima experiência nacional. As principais realizações do presidente Carter consistiram na criação de uma política nacional de energia e de dois novos departamentos de gabinete, o Departamento de Energia dos Estados Unidos e o Departamento de Educação dos Estados Unidos. Carter também desregulamentou, com sucesso, os setores de transporte rodoviário, aéreo, ferroviário, financeiro, comunicações e petróleo, reforçou o sistema de seguridade social e nomeou um número recorde de mulheres e minorias para cargos significativos.

Nas relações exteriores, as realizações de Carter consistiram nos Acordos de Camp David, nos Tratados do Canal do Panamá, no estabelecimento de relações diplomáticas plenas com a

República Popular da China e na negociação do Tratado SALT II. Além disso, ele defendeu os direitos humanos em todo o mundo e usou os direitos humanos como o centro da política externa de seu governo.

Todavia, os sucessos de Carter foram ofuscados por fracassos. Ele não conseguiu implementar um plano nacional de saúde ou reformar o sistema tributário como havia prometido. Sua popularidade caiu à medida que a inflação disparava e o desemprego permanecia teimosamente alto. No exterior, os iranianos mantiveram 52 americanos como reféns por 444 dias e suas tentativas de resgate militar dos reféns foram fiascos. A invasão soviética do Afeganistão, no final daquele ano, desencantou ainda mais alguns americanos com Carter, e os atletas ficaram desapontados quando ele cancelou a participação americana nas Olimpíadas de Moscou de 1980. O senador liberal Ted Kennedy atacou Carter como muito conservador, mas falhou em bloquear a renomeação de Carter em 1980. Na eleição de novembro de 1980, Carter perdeu para Ronald Reagan. Os democratas perderam 12 cadeiras no Senado e, pela primeira vez desde 1954, os republicanos controlaram o Senado, embora a Câmara permanecesse nas mãos dos democratas. Os padrões de votação e os resultados das pesquisas indicam que a substancial vitória republicana foi consequência do fraco desempenho econômico de Carter e dos democratas e não representou uma mudança ideológica para a direita por parte do eleitorado. O Irã libertou todos os reféns americanos minutos depois da posse de Reagan, encerrando uma crise de 444 dias.

Ronald Reagan (1981–1989) - a batalha contra o Reaganismo

Os democratas que apoiavam políticas conservadoras foram fundamentais na eleição do presidente republicano Ronald Reagan em 1980. Os "democratas Reagan" eram democratas antes dos anos Reagan e depois, mas que votaram em Ronald Reagan em 1980 e 1984 e em George HW Bush em 1988, produzindo suas vitórias esmagadoras. Os democratas Reagan eram, em sua maioria, de etnia branca do Nordeste e do Meio-Oeste, atraídos pelo conservadorismo social de Reagan em questões como o aborto e sua forte política externa.

Em resposta a essas derrotas esmagadoras, o Conselho de Liderança Democrática (DLC) foi criado em 1985. Ele trabalhou para mover o partido à direita para o centro ideológico a fim de recuperar parte da arrecadação de fundos que havia sido perdida para os republicanos devido ao apoio de doadores corporativos Reagan. O objetivo era reter eleitores de centro-esquerda, bem como moderados e conservadores em questões sociais, para se tornar um

partido que pega em todos, com apelo generalizado para a maioria dos oponentes dos republicanos. Apesar disso, o governador de Massachusetts, Michael Dukakis, concorrendo não como New Dealer, mas como especialista em eficiência na administração pública, perdeu feio em 1988 para o vice-presidente George H. W. Bush.

Por quase um século após a Reconstrução, o Sul branco se identificou com o Partido Democrata. O bloqueio do poder pelos democratas era tão forte que a região era chamada de Sul Sólido, embora os republicanos controlassem partes das montanhas Apalaches e competissem por cargos estaduais nos estados fronteiriços. Antes de 1948, os democratas do sul acreditavam que seu partido, com seu respeito pelos direitos dos estados e apreciação dos valores tradicionais do Sul, era o defensor do modo de vida sulista. Os democratas do sul alertaram contra os projetos agressivos por parte dos liberais e republicanos do norte e dos ativistas dos direitos civis, que eles denunciavam como "agitadores externos".

A adoção de uma forte prancha de direitos civis pela convenção de 1948 e a integração das forças armadas pela Ordem Executiva 9981 do presidente Harry S. Truman, que previa igualdade de tratamento e oportunidades para militares afro-americanos, criou uma divisão entre o norte e o sul ramos do partido. O partido ficou fortemente dividido na eleição seguinte, quando os democratas do sul, Strom Thurmond, concorreram como "Partido Democrático dos Direitos dos Estados". Com a presidência de John F. Kennedy, o Partido Democrata começou a abraçar o Movimento dos Direitos Civis e seu bloqueio no Sul foi irremediavelmente quebrado. Ao assinar a Lei dos Direitos Civis de 1964, o presidente Lyndon B. Johnson profetizou: "Perdemos o Sul por uma geração".

A modernização trouxe fábricas, negócios nacionais e cidades maiores e mais cosmopolitas como Atlanta, Dallas, Charlotte e Houston para o sul, bem como milhões de migrantes do norte e mais oportunidades para o ensino superior. Enquanto isso, a economia do algodão e do tabaco do sul rural tradicional se desvaneceu, à medida que os ex-agricultores migraram para empregos nas fábricas. À medida que o Sul se tornava mais parecido com o resto da nação, não conseguia se destacar em termos de segregação racial. A Integração e o Movimento dos Direitos Civis causaram enorme polêmica no Sul dos brancos, com muitos atacando-o como uma violação dos direitos dos estados. Quando a segregação foi proibida por ordem judicial e pelas Leis de Direitos Civis de 1964 e 1965, um elemento obstinado resistiu à integração, liderado pelos governadores democratas Orval Faubus do Arkansas, Lester Maddox da Geórgia e especialmente George Wallace do Alabama. Esses governadores populistas apelaram para um eleitorado operário menos instruído que, do ponto de vista

econômico, favorecia o Partido Democrata e se opunha à inclusão. Depois de 1965, a maioria dos sulistas aceitou a integração (com exceção das escolas públicas).

Acreditando-se traídos pelo Partido Democrata, os sulistas brancos tradicionais juntaram-se à nova classe média e aos transplantes do norte na direção do Partido Republicano. Enquanto isso, eleitores negros recém-emancipados começaram a apoiar candidatos democratas em níveis de 80 a 90%, produzindo líderes democratas como Julian Bond e John Lewis da Geórgia e Barbara Jordan do Texas. Assim como Martin Luther King Jr. havia prometido, a integração trouxe um novo dia para a política sulista.

Republicanos

Período de formação republicano (1854–1860)

O Partido Republicano surgiu da oposição à Lei Kansas-Nebraska, que foi sancionada pelo presidente Franklin Pierce em 1854. A lei abriu o Território do Kansas e o Território do Nebraska à escravidão e futura admissão como Estados escravistas, revogando assim implicitamente a proibição da escravidão nos novos estados. Essa mudança foi vista pelos nortistas antiescravistas como uma manobra agressiva e expansionista do sul escravista. Os oponentes da lei ficaram intensamente motivados e começaram a formar um novo partido.

A primeira reunião local anti-Nebraska onde "Republicano" foi sugerido como um nome para um novo partido anti-escravidão foi realizada em uma escola de Ripon, Wisconsin, em 20 de março de 1854. A primeira convenção estadual que formou uma plataforma e nomeou candidatos sob o nome republicano foi mantido perto de Jackson, Michigan, em 6 de julho de 1854. Nessa convenção, o partido se opôs à expansão da escravidão em novos territórios e selecionou uma lista de candidatos em todo o estado. O meio-oeste liderou a formação de ingressos estaduais para o Partido Republicano, além de St. Louis e algumas áreas adjacentes a estados livres, não houve esforços para organizar o Partido nos estados do sul.

Os New England Yankees, que dominavam aquela região e grande parte do interior do estado de Nova York e do alto meio-oeste, eram os maiores apoiadores do novo partido. Isso foi especialmente verdadeiro para os congregacionalistas pietistas e presbiterianos entre eles e, durante a guerra, muitos metodistas e luteranos escandinavos. Os Quakers eram um grupo pequeno e muito unido, fortemente republicano. Em contraste, as igrejas litúrgicas (Católica

Romana, Episcopal e Luterana Alemã) rejeitaram, amplamente, o moralismo do Partido Republicano.

O novo Partido Republicano previu modernizar os Estados Unidos, enfatizando a expansão do sistema bancário, mais ferrovias e fábricas, e dando terras ocidentais gratuitas aos fazendeiros ("solo livre") em vez de permitir que proprietários de escravos comprassem as melhores propriedades. Argumentou, vigorosamente, que o trabalho de mercado livre era superior à escravidão e era o próprio fundamento da virtude cívica e do verdadeiro republicanismo. Essa era a ideologia do "solo livre, trabalho livre, homens livres".

O Partido Republicano lançou sua primeira convenção nacional de organização em Pittsburgh, Pensilvânia, em 22 de fevereiro de 1856. Este encontro elegeu um Comitê Executivo Nacional governante e aprovou resoluções pedindo a revogação das leis que permitem a posse de escravos em territórios livres e resistência por meios constitucionais à escravidão em qualquer território, defesa de indivíduos antiescravistas no Kansas que estavam sob ataque físico, e um chamado para resistir e derrubar a atual Administração Nacional de Franklin Pierce. Sua primeira convenção nacional de nomeações foi realizada em junho de 1856 na Filadélfia. John C. Frémont concorreu como o primeiro candidato republicano para presidente em 1856 com o slogan "Solo livre, prata grátis, homens livres, Frémont e vitória!". Embora a candidatura de Frémont não tenha sido bem-sucedida, o partido mostrou uma base forte. Dominou a Nova Inglaterra, Nova York e o norte do meio-oeste e teve uma forte presença no restante do Norte. Quase não teve apoio no Sul, onde foi severamente denunciado em 1856-1860 como uma força divisora que ameaçava uma guerra civil.

A Guerra Civil Americana e 1º Republicano Abraham Lincoln (1861–1865)

A eleição de Lincoln como presidente em 1860 abriu uma nova era de domínio republicano com base no norte industrial e no meio-oeste agrícola. O Terceiro Sistema Partidário foi dominado pelo Partido Republicano. Lincoln teve um grande sucesso ao unir as facções de seu partido para lutar pela União na Guerra Civil. No entanto, ele geralmente lutou contra os republicanos radicais que exigiam medidas mais duras. Muitos democratas conservadores tornaram-se democratas de guerra que acreditavam profundamente no nacionalismo americano e apoiaram a guerra. Quando Lincoln acrescentou a abolição da escravidão como

uma meta de guerra, os Democratas pela Paz se animaram e realizaram inúmeras disputas estaduais, especialmente em Connecticut, Indiana e Illinois. O democrata Horatio Seymour foi eleito governador de Nova York e imediatamente se tornou um provável candidato à presidência.

A maioria dos partidos republicanos estaduais aceitaram a meta antiescravidão, exceto Kentucky. Durante a Guerra Civil Americana, o partido aprovou uma legislação importante no Congresso para promover a modernização rápida, incluindo um sistema bancário nacional, tarifas elevadas, o primeiro imposto de renda, muitos impostos especiais de consumo, papel-moeda emitido sem respaldo, uma enorme dívida nacional, leis de homestead, ferrovias e ajuda à educação e agricultura.

Os republicanos denunciaram os democratas orientados para a paz como Copperheads desleais e ganharam democratas de guerra suficientes para manter sua maioria em 1862. Em 1864, eles formaram uma coalizão com muitos democratas de guerra como o Partido da União Nacional. Lincoln escolheu o democrata Andrew Johnson como seu companheiro de chapa e foi facilmente reeleito. Durante a guerra, homens de classe média alta nas principais cidades formaram ligas sindicais para promover e ajudar a financiar o esforço de guerra. Após as eleições de 1864, os republicanos radicais liderados por Charles Sumner no Senado e Thaddeus Stevens na Câmara definiram a agenda ao exigir uma ação mais agressiva contra a escravidão e mais vingança contra os confederados.

Abraham Lincoln é assassinado em um teatro por um ator democrata inconformado pelo resultado da Guerra Civil, em 1885.

Durante a era pós-reconstrução da Guerra Civil, houve grandes divergências sobre o tratamento de ex-confederados e de ex-escravos ou libertos. Johnson rompeu com os republicanos radicais e formou uma aliança frouxa com republicanos e democratas moderados. O confronto veio nas eleições para o Congresso de 1866, nas quais os radicais obtiveram uma vitória esmagadora e assumiram o controle total da Reconstrução, aprovando leis fundamentais sobre o veto.

2º Republicano Ulysses S. Grant - o herói de guerra

Ulysses S. Grant foi o primeiro presidente republicano a servir por dois mandatos completos (1869-1877). Com a eleição de Ulysses S. Grant em 1868, os radicais tinham controle do

Congresso, do partido e do exército e tentaram construir um republicano sólido baseou-se no Sul usando os votos de Libertos, Scalawags e Carpetbaggers, apoiados diretamente pelos destacamentos do Exército dos EUA. Republicanos em todo o Sul formaram clubes locais chamados Union Leagues que efetivamente mobilizaram os eleitores, discutiram questões e, quando necessário, lutaram contra os ataques da Ku Klux Klan (KKK).

Grant apoiou programas radicais de reconstrução no Sul, a 14ª Emenda e direitos civis e de voto iguais para os libertos. Acima de tudo, ele foi o herói dos veteranos de guerra, que marchavam de acordo com sua música. O partido havia se tornado tão grande que o partidarismo era inevitável. Ainda mais ao entender que a tolerância de Grant aos altos níveis de corrupção democrata acelerou o processo.

Muitos dos fundadores do Partido Republicano aderiram ao movimento liberal, assim como muitos editores de jornais poderosos. Eles nomearam Horace Greeley para presidente, que também ganhou a indicação democrata, mas a chapa foi derrotada por uma vitória esmagadora. A depressão de 1873 energizou os democratas. Eles ganharam o controle da Câmara e formaram coalizões "Redentor" que retomaram o controle de cada estado do sul, em alguns casos por meio de ameaças e violência.

A reconstrução chegou ao fim quando a eleição contestada de 1876 foi concedida por uma comissão eleitoral especial ao republicano Rutherford B. Hayes, que prometeu, por meio do Compromisso não oficial de 1877, retirar as tropas federais do controle dos três últimos estados do sul. A região então se tornou o Sul Sólido, dando maioria esmagadora de seus votos eleitorais e assentos no Congresso aos democratas até 1964.

A pressão social acabou forçando a maioria dos Scallywags a se juntar à coalizão conservadora democrata "Redentor". Uma minoria persistiu e, a partir da década de 1870, formou a metade "tan" do Partido Republicano "Black and Tan", uma minoria em todos os estados do sul depois de 1877. Isso dividiu o partido em duas facções: a facção branca como lírio, que era praticamente todo branco; e a facção biracial preto e castanho.

Em vários estados do sul, as "Lily Whites", que buscavam recrutar democratas brancos para o Partido Republicano, tentaram eliminar a facção Black and Tan ou pelo menos reduzir sua influência. Entre esses líderes, "Lily White" no início do século 20, Wallace Townsend, do Arkansas, foi indicado para governador do partido em 1916 e 1920 e seu veterano comitê republicano nacional. O partidarismo explodiu em 1928 e 1952. A vitória final de seu oponente, a facção branca como lírio, veio em 1964.

3º Republicano Rutherford Hayes (1877-1881), 4º Republicano James Garfield (1881-1881), 5º Republicano Chester Arthur (1881-1885) - Idade de Ouro

O partido se dividiu em facções no final da década de 1870. Os Stalwarts, seguidores do Senador Roscoe Conkling, defenderam o sistema de espólios. Os mestiços, que seguiram o senador James G. Blaine, do Maine, pressionaram pela reforma do serviço público. Reformadores sofisticados que se opunham totalmente ao sistema de despojos eram chamados de "mugwumps". Em 1884, os Mugwumps rejeitaram James G. Blaine como corrupto e, assim, ajudaram a eleger o democrata Grover Cleveland, embora a maioria tenha retornado ao partido em 1888. Na preparação para a convenção do Partido Republicano de 1884, os Mugwumps organizaram suas forças nos estados indecisos, especialmente Nova York e Massachusetts.

Enquanto a economia pós-guerra do Norte prosperava com indústria, ferrovias, minas e cidades de rápido crescimento, bem como uma agricultura próspera, os republicanos assumiram o crédito e promoveram políticas para manter o crescimento acelerado. O Partido Democrata foi amplamente controlado pelos democratas Bourbon pró-negócios até 1896. O Partido Republicano apoiou as grandes empresas em geral, o padrão ouro, tarifas altas e pensões generosas para os veteranos da União. No entanto, em 1890, os republicanos concordaram com o Ato Anti-Truste Sherman e com a Interstate Commerce Commission em resposta às reclamações de proprietários de pequenas empresas e fazendeiros. A alta tarifa McKinley de 1890 prejudicou o partido e os democratas sofreram uma queda esmagadora nas eleições do ano anterior, derrotando o próprio McKinley.

As tendências demográficas ajudaram os democratas, já que os imigrantes católicos alemães e irlandeses eram em sua maioria democratas e superavam os republicanos britânicos e escandinavos em número. Durante a década de 1880, as eleições foram notavelmente fechadas. Os democratas geralmente perdiam, mas venceram em 1884 e 1892. Nas eleições para o Congresso de 1894, o Partido Republicano teve a maior vitória esmagadora de sua história, pois os democratas foram culpados pela severa depressão econômica de 1893-1897 e pelos violentos ataques de carvão e ferrovias em 1894.

De 1860 a 1912, os republicanos aproveitaram a associação dos democratas com "Rum, romanismo e rebelião". Rum representava os interesses das bebidas e os taverneiros, em contraste com o Partido Republicano, que tinha um forte elemento seco. "Romanismo" significava católicos romanos, especialmente americanos irlandeses, que dirigiam o Partido

Democrata em todas as grandes cidades e que os republicanos denunciavam por motivos políticos corrupção. "Rebelião" significava os democratas da Confederação, que tentaram quebrar a União em 1861, e os democratas do Norte, chamados de "Copperheads", que simpatizavam com eles.

As tendências demográficas ajudaram os democratas, já que os imigrantes católicos alemães e irlandeses eram democratas e superavam os republicanos ingleses e escandinavos. Durante as décadas de 1880 e 1890, os republicanos lutaram contra os esforços dos democratas, vencendo várias eleições apertadas e perdendo duas para Grover Cleveland (em 1884 e 1892). As linhas religiosas foram traçadas nitidamente. Metodistas, congregacionalistas, presbiterianos, luteranos escandinavos e outros pietistas no Norte estavam intimamente ligados ao GOP. Em nítido contraste, os grupos litúrgicos, especialmente os católicos, episcopais e luteranos alemães, buscaram no Partido Democrata proteção contra o moralismo pietista, especialmente a proibição. Ambos os partidos cruzam a estrutura de classes, com os democratas mais influentes na base.

As questões culturais, especialmente a proibição e as escolas de línguas estrangeiras, tornaram-se importantes devido às fortes divisões religiosas no eleitorado. No Norte, cerca de 50% dos eleitores eram protestantes pietistas (metodistas, luteranos escandinavos, presbiterianos, congregacionalistas e discípulos de Cristo) que acreditavam que o governo deveria ser usado para reduzir os pecados sociais, como beber.

As igrejas litúrgicas (católicos romanos, luteranos alemães e episcopais) representavam mais de um quarto dos votos e queriam que o governo ficasse fora do negócio da moralidade. Os debates sobre a proibição e os referendos esquentaram a política na maioria dos estados ao longo de uma década, quando a proibição nacional foi finalmente aprovada em 1919 (revogada em 1933), servindo como uma questão importante entre os democratas e o republicano seco.

6º Republicano Benjamin Harrison - o governo de um mês

Como explorado na seção Democrata, devido a sua morte, seu governo acabou munindo o Partido Democrata com a oportunidade de atrapalhar os planos Republicanos durante um período de 4 anos.

7º Republicano William McKinley - Era Progressiva (1896-1932)

A Era Progressiva (ou "Sistema do Quarto Partido") foi dominada por presidentes republicanos, com a única exceção do democrata Woodrow Wilson (1913-1921). McKinley prometeu que as altas tarifas acabariam com as severas adversidades causadas pelo Pânico de 1893 e que o GOP garantiria uma espécie de pluralismo em que todos os grupos se beneficiaram. Ele denunciou William Jennings Bryan, o candidato democrata, como um radical perigoso cujos planos de "Prata Grátis" em 16-1 (ou Bimetalismo) levariam a economia à falência.

McKinley dependia muito das finanças, das ferrovias, da indústria e da classe média para seu apoio e cimentou os republicanos como o partido dos negócios. Seu gerente de campanha, Mark Hanna, de Ohio, desenvolveu um plano detalhado para obter contribuições do mundo dos negócios e McKinley ultrapassou seu rival, o democrata William Jennings Bryan, por uma grande margem. Essa ênfase nos negócios foi em parte revertida por Theodore Roosevelt, o sucessor presidencial após o assassinato de McKinley em 1901, que se engajou na luta contra a confiança. McKinley foi o primeiro presidente a promover o pluralismo, argumentando que a prosperidade seria compartilhada por todos os grupos étnicos e religiosos.

8º Republicano Theodore Roosevelt - a grande personalidade

Theodore Roosevelt, que se tornou presidente em 1901, tinha a personalidade mais dinâmica da época. Roosevelt teve que lutar com homens como o senador Mark Hanna, a quem ele superou para ganhar o controle da convenção em 1904 que o renomeou e ele venceu após prometer continuar as políticas de McKinley. Mais difícil de lidar foi o conservador presidente da Câmara, Joseph Gurney Cannon.

Theodore Roosevelt lidera o partido para uma vitória esmagadora em 1904. Ele obteve ganhos legislativos modestos em termos de legislação ferroviária e leis de alimentos puros. Ele foi mais bem-sucedido no tribunal, abrindo processos antitruste que separaram o truste da Northern Securities Company e a Standard Oil. Roosevelt mudou-se para a esquerda em seus últimos dois anos no cargo, mas não conseguiu aprovar as principais propostas do Square Deal. Ele conseguiu nomear seu sucessor Secretário da Guerra William Howard Taft, que derrotou Bryan facilmente na eleição presidencial de 1908.

Os discursos de despedida de Theodore Roosevelt em 1908 buscaram leis progressistas que não foram aprovadas pelo Congresso.

9º Republicano William Taft

A proteção era o cimento ideológico que mantinha a coalizão republicana unida. Altas tarifas foram usadas pelos Republicanos para prometer vendas mais altas às empresas, salários mais altos aos trabalhadores industriais e maior demanda por suas safras aos fazendeiros. Insurgentes progressistas disseram que promoveu o monopólio. Os democratas disseram que era um imposto sobre o “cidadão comum”.

A questão tarifária estava separando o Partido Republicano. Roosevelt tentou adiar a questão, mas Taft teve de enfrentar o tópico de frente em 1909 com a Lei de Tarifas Payne-Aldrich.

Os conservadores orientais liderados por Nelson W. Aldrich queriam altas tarifas sobre produtos manufaturados (especialmente sobre a lã), enquanto os do Meio-Oeste exigiam tarifas baixas. Aldrich os superou ao reduzir as tarifas sobre produtos agrícolas, o que indignou os fazendeiros. A grande batalha sobre a tarifa alta Payne-Aldrich, em 1910, separou os republicanos e preparou o realinhamento em favor dos democratas. Os insurgentes do meio-oeste liderados por George Norris se revoltaram contra os conservadores liderados por Speaker Cannon. Os democratas conquistaram o controle da Câmara em 1910, quando o fosso entre insurgentes e conservadores se ampliou.

Em 1912, Roosevelt rompeu com Taft, rejeitou Robert M. La Follette e tentou um terceiro mandato, mas foi derrotado por Taft e perdeu a indicação. A Convenção Nacional Republicana de 1912 transformou uma rivalidade pessoal em uma divisão ideológica no Partido Republicano. Estados politicamente liberais pela primeira vez realizavam primárias republicanas. Roosevelt venceu de forma esmagadora as primárias - vencendo 9 de 12 estados. Taft venceu apenas o estado de Massachusetts (por uma pequena margem); ele até perdeu seu estado natal de Ohio para Roosevelt. O senador Robert M. La Follette, um reformador, ganhou dois estados. Nas primárias, o senador La Follette ganhou um total de 36 delegados; o presidente Taft ganhou 48 delegados; e Roosevelt ganhou 278 delegados. No entanto, 36 estados mais conservadores não realizaram primárias, mas sim delegados selecionados por meio de convenções estaduais. Durante anos, Roosevelt tentou atrair democratas brancos do Sul para o Partido Republicano, e ele tentou ganhar delegados lá em 1912. No entanto, Taft teve o apoio dos republicanos negros no Sul e derrotou Roosevelt lá.

Roosevelt levou muitos (mas não a maioria) de seus delegados a fugir da convenção e criar um partido (o Progressive, ou "Bull Moose"), na eleição de 1912. Poucos líderes partidários o seguiram, exceto Hiram Johnson, da Califórnia. Roosevelt teve o apoio de muitas mulheres reformadoras notáveis, incluindo Jane Addams. A divisão causada por Roosevelt na votação republicana resultou em uma vitória decisiva para o democrata Woodrow Wilson, interrompendo temporariamente a Era Republicana.

10º Republicano Warren G. Harding (1921-1923), 11º Republicano Calvin Coolidge (1923-1929), 12º Republicano Herbert Hoover (1929-1933) - o domínio Republicano da década de 1920

O partido controlou a presidência ao longo da década de 1920, funcionando com uma plataforma de oposição à Liga das Nações, tarifas altas e promoção de interesses comerciais. Warren G. Harding, Calvin Coolidge e Herbert Hoover foram eleitos retumbantemente em 1920, 1924 e 1928. Os esforços separatistas do senador Robert M. La Follette em 1924 não conseguiram impedir um deslizamento de terra para Coolidge e seu movimento desmoronou. O escândalo do Teapot Dome ameaçou prejudicar o partido, mas Harding morreu e Coolidge culpou-o de tudo quando a oposição se fragmentou em 1924.

GOP derrubado durante a Grande Depressão. As políticas pró-negócios da década pareciam produzir uma prosperidade sem precedentes - até que a Queda de Wall Street em 1929 anunciou a Grande Depressão. Embora o partido tenha se saído muito bem nas grandes cidades e entre os católicos étnicos nas eleições presidenciais de 1920-1924, não foi capaz de manter esses ganhos em 1928. Em 1932, as cidades - pela primeira vez na história - haviam se tornado redutos democratas.

Hoover era um ativista por natureza e tentou fazer o que pôde para aliviar o sofrimento generalizado causado pela Depressão, mas sua adesão estrita ao que ele acreditava serem princípios republicanos o impedia de estabelecer alívio diretamente do governo federal. A Depressão custou a Hoover a presidência com a eleição esmagadora de Franklin D. Roosevelt em 1932. A coalizão do New Deal de Roosevelt controlou a política americana durante a maior parte das três décadas seguintes, exceto a presidência do republicano Dwight Eisenhower 1953-1961. Os democratas obtiveram grandes ganhos nas eleições de meio de mandato de 1930, dando-lhes paridade no Congresso (embora sem controle) pela primeira vez desde a presidência de Wilson.

Interlúdio Democrata

Ao contrário do bloco "moderado", internacionalista e predominantemente oriental de republicanos que aceitaram (ou pelo menos consentiram) parte da "Revolução Roosevelt" e as premissas essenciais da política externa do presidente Truman, a direita republicana no fundo era contra-revolucionária. Anticoletivista, anticomunista, anti-New Deal, apaixonadamente comprometido com o governo limitado, a economia de mercado livre e as prerrogativas do Congresso (em oposição às executivas), o G.O.P. os conservadores foram obrigados desde o início a travar uma guerra constante em duas frentes: contra os democratas liberais de fora e os republicanos "eu também" de dentro.

A Velha Direita surgiu em oposição ao New Deal de Franklin D. Roosevelt. Hoff diz que "republicanos moderados e progressistas republicanos remanescentes como Hoover compunham a maior parte da Velha Direita em 1940, com alguns ex-membros do partido Farmer-Labour, Liga Não-Partidária e até mesmo alguns socialistas da pradaria do meio-oeste".

Depois que Roosevelt assumiu o cargo em 1933, a legislação do New Deal passou pelo Congresso na velocidade da luz. Nas eleições de meio de mandato de 1934, dez senadores republicanos foram derrotados, ficando com apenas 25 contra 71 democratas. A Câmara dos Representantes também foi dividida em uma proporção semelhante. O "Segundo New Deal" foi fortemente criticado pelos republicanos no Congresso, que o compararam à guerra de classes e ao socialismo. O volume da legislação, bem como a incapacidade dos republicanos de bloqueá-la, logo fez com que a oposição a Roosevelt se transformasse em amargura e, às vezes, ódio por "aquele homem da Casa Branca". O ex-presidente Hoover tornou-se um orador líder em uma cruzada contra o New Deal, na esperança irreal de ser nomeado novamente para presidente.

O voto negro para Hoover em 1932, mas começou a se mover em direção a Roosevelt. Em 1940, a maioria dos negros do norte votava nos democratas. Os negros do sul raramente tinham permissão para votar, mas a maioria se tornou democrata. Roosevelt garantiu que os negros tivessem participação nos programas de ajuda humanitária, no Exército e na indústria de defesa em tempo de guerra, mas não contestou a segregação ou a negação do direito de voto no sul.

Os partidos minoritários tendem a se faccionar e, depois de 1936, o Partido Republicano se dividiu em uma facção conservadora (dominante no oeste e no meio-oeste) e uma facção

liberal (dominante no Nordeste) - combinada com uma base residual de republicanism progressista herdado ativo ao longo do século. Em 1936, o governador do Kansas, Alf Landon, e seus seguidores liberais derrotaram a facção de Herbert Hoover. Landon geralmente apoiava a maioria dos programas do New Deal, mas conquistou apenas dois estados no deslizamento de terra de Roosevelt com sua campanha moderada. O Partido Republicano ficou com apenas 16 senadores e 88 representantes para se opor ao New Deal, com o senador de Massachusetts Henry Cabot Lodge Jr. como o único vencedor sobre um candidato democrata.

Roosevelt alienou muitos democratas conservadores em 1937 com seu plano inesperado de "embalar" a Suprema Corte por meio do Projeto de Reorganização do Judiciário de 1937. Após uma forte recessão que atingiu o início de 1938, grandes greves em todo o país, o CIO e a AFL competindo entre si outro para a adesão e os esforços fracassados de Roosevelt para reorganizar radicalmente a Suprema Corte, os democratas estavam em desordem. Enquanto isso, o Partido Republicano estava unido, pois havia eliminado seus membros mais fracos em uma série de derrotas desde 1930. Os republicanos revigorados focalizaram a atenção em novos candidatos fortes nos principais estados, especialmente Robert A. Taft, o conservador de Ohio, Earl Warren, o moderado venceu as primárias republicanas e democratas na Califórnia e Thomas E. Dewey, o promotor cruzado de Nova York. O retorno do Partido Republicano em 1938 foi possível levando 50% dos votos fora do Sul, dando aos líderes do Partido Republicano a confiança de que ele tinha uma base forte para a eleição presidencial de 1940.

De 1939 a 1941, houve um forte debate dentro do Partido Republicano sobre o apoio ao Reino Unido na Segunda Guerra Mundial. Os internacionalistas, como Henry Stimson e Frank Knox, queriam apoiar a Grã-Bretanha, e os isolacionistas, como Robert A. Taft e Arthur Vandenberg, opunham-se veementemente a essas ações como imprudentes, senão inconstitucionais. O movimento América Primeiro foi uma coalizão bipartidária de isolacionistas. Em 1940, um azarão Wendell Willkie no último minuto conquistou o partido, os delegados e foi nomeado. Ele lutou contra as ineficiências do New Deal e a ruptura de Roosevelt com a forte tradição contra um terceiro mandato.

O senador Robert A. Taft, de Ohio, representou a ala do partido que continuou a se opor às reformas do New Deal e a defender o não intervencionismo. O governador Thomas E. Dewey, de Nova York, representou a ala nordeste do partido. Dewey não rejeitou os programas do New Deal, mas exigiu mais eficiência, mais apoio ao crescimento econômico e menos

corrupção. Ele estava mais disposto do que Taft a apoiar a Grã-Bretanha em 1939-1940. Depois da guerra, a ala isolacionista se opôs energicamente às Nações Unidas e se opôs sem entusiasmo ao comunismo mundial.

Como um partido minoritário, o Partido Republicano tinha duas alas: a esquerda apoiava a maior parte do New Deal enquanto prometia administrá-lo com mais eficiência e a direita se opunha ao New Deal desde o início e conseguiu revogar grandes partes durante os anos 1940 em cooperação com os democratas do sul conservadores na coalizão conservadora. Os liberais, liderados por Dewey, dominaram o Nordeste, enquanto os conservadores, liderados por Taft, dominaram o Meio-Oeste. O Ocidente estava dividido e o Sul ainda era solidamente democrata.

Roosevelt morreu em abril de 1945 e Harry S. Truman, um democrata menos liberal, tornou-se presidente e substituiu a maioria dos principais nomeados de Roosevelt. Com o fim da guerra, a agitação entre os trabalhadores organizados levou a muitas greves em 1946 e as interrupções resultantes ajudaram o Partido Republicano. Com os erros do governo Truman em 1945 e 1946, os slogans "Had Enough?" e "To Err is Truman" se tornaram gritos de guerra republicanos e o Partido Republicano conquistou o controle do Congresso pela primeira vez desde 1928, com Joseph William Martin Jr. como presidente da Câmara. A Lei Taft-Hartley de 1947 foi projetada para equilibrar os direitos de gestão e trabalho. Foi a questão central de muitas eleições em estados industriais nas décadas de 1940 a 1950, mas os sindicatos nunca foram capazes de revogá-la.

Em 1948, com os republicanos divididos entre esquerda e direita, Truman corajosamente convocou o Congresso para uma sessão especial e enviou-lhe uma carga de legislação liberal consistente com a plataforma de Dewey e os desafiou a agir de acordo com ela, sabendo que os republicanos conservadores bloqueariam a ação. Truman então atacou o "Congresso não-fazer nada" republicano como um castigador de todos os problemas da nação. Truman surpreendeu Dewey e os republicanos na eleição com uma pluralidade de pouco mais de 24 milhões de votos populares (de quase 49 milhões), mas uma vitória decisiva por 303-189 no Colégio Eleitoral.

Realinhamento com o Sul

Antes da Reconstrução e por um século depois disso, o Sul branco se identificou com o Partido Democrata. O domínio do Partido Democrata nos estados do Sul era tão forte que a região foi

chamada de Sul Sólido. Os republicanos controlavam certas partes dos Montes Apalaches e às vezes competiam por cargos estaduais nos estados fronteiriços.

Antes de 1948, os democratas do sul viam seu partido como o defensor do modo de vida sulista, que incluía o respeito pelos direitos dos estados e o apreço pelos valores tradicionais do sul. Eles alertaram repetidamente contra os desígnios agressivos dos liberais e republicanos do norte, bem como dos ativistas dos direitos civis que denunciaram como "agitadores externos", portanto, havia uma barreira séria para se tornar um republicano.

Em 1948, os democratas alienaram os sulistas brancos de duas maneiras. A Convenção Nacional Democrata adotou uma forte prancha de direitos civis, levando a uma greve dos sulistas. Duas semanas depois, o presidente Harry Truman assinou a Ordem Executiva 9981, pondo fim à discriminação contra os negros nas forças armadas. Em 1948, o Deep South saiu, formou um partido regional temporário (os "Dixiecrats") e nomeou J. Strom Thurmond para presidente. Thurmond liderou o Deep South, mas o exterior South permaneceu com Truman, e a maioria dos Dixiecrats finalmente retornou ao Partido Democrata como democratas do sul conservadores. Embora o movimento Dixiecrat não tenha durado, a divisão entre os democratas no Sul pavimentou o caminho para a posterior mudança do Sul em direção ao Partido Republicano, que veria o próprio Thurmond mudando para o Partido Republicano em 1964.

13º Republicano Dwight Eisenhower (1953-1961), 14º Republicano Richard Nixon (1969-1974), 15º Republicano Gerald Ford (1974-1977)

Em 1952, Dwight D. Eisenhower, um internacionalista aliado da ala Dewey, foi eleito candidato do Partido Republicano por um pequeno grupo de republicanos liderados por Henry Cabot Lodge Jr. para desafiar Taft em questões de política externa. Os dois homens não estavam muito distantes nas questões domésticas. A vitória de Eisenhower quebrou um bloqueio democrata de vinte anos na Casa Branca. Eisenhower não tentou reverter o New Deal, mas expandiu o sistema de seguridade social e construiu o sistema de rodovias interestaduais.

Depois de 1945, os isolacionistas da ala conservadora se opuseram às Nações Unidas e se opuseram indiferentemente à expansão da contenção do comunismo pela Guerra Fria em todo o mundo. Um estado-guarnição para lutar contra o comunismo, eles acreditavam,

significaria arregimentação e controle do governo em casa. Eisenhower derrotou Taft em 1952 em questões de política externa.

Para contornar o aparato local do Partido Republicano controlado principalmente por apoiadores de Taft, as forças de Eisenhower criaram uma rede nacional de clubes de base, "Citizens for Eisenhower". Independentes e Democratas eram bem-vindos, pois o grupo se especializou em promover bairros e realizar reuniões de pequenos grupos. Citizens for Eisenhower esperava revitalizar o Partido Republicano expandindo suas fileiras ativistas e apoiando políticas moderadas e internacionalistas. Não endossou outros candidatos além de Eisenhower, mas ele prestou pouca atenção depois que ganhou e falhou em manter seu impressionante impulso inicial. Em vez disso, os conservadores republicanos ficaram energizados, levando à indicação de Barry Goldwater em 1964. Os ativistas republicanos de longa data viam os recém-chegados com suspeita e hostilidade. Mais significativamente, o ativismo em apoio a Eisenhower não se traduziu em entusiasmo pela causa do partido.

Uma vez no cargo, Eisenhower não era um líder partidário eficaz e Nixon assumiu cada vez mais esse papel. O historiador David Reinhard conclui que Eisenhower careceu de compromisso político sustentado, recusou-se a intervir na política estatal, não compreendeu os usos políticos do patrocínio presidencial e superestimou seus poderes pessoais de persuasão e conciliação. A tentativa de Eisenhower em 1956 de converter o Partido Republicano ao "Republicanism Moderno" foi seu "maior fracasso". Foi uma proposta vaga, com poucos funcionários e pouco financiamento ou publicidade, que causou turbulência dentro dos partidos locais em todo o país. O Partido Republicano conquistou as duas casas do Congresso em 1952 nas pegadas de Eisenhower, mas em 1954 perdeu ambas e não recuperaria o Senado até 1980 nem a Câmara até 1994.

Eisenhower foi uma exceção para a maioria dos presidentes, pois normalmente deixava o vice-presidente Richard Nixon cuidar dos assuntos do partido (controlando o comitê nacional e assumindo os papéis de porta-voz e arrecadador de fundos). Nixon foi derrotado por pouco por John F. Kennedy nas eleições presidenciais dos Estados Unidos de 1960, enfraquecendo sua ala moderada do partido.

Os conservadores voltaram em 1964 sob a liderança de Barry Goldwater, que derrotou moderados e liberais como Nelson Rockefeller e Henry Cabot Lodge Jr. nas primárias presidenciais republicanas naquele ano. Goldwater se opôs fortemente ao New Deal e às Nações Unidas, mas rejeitou o isolacionismo e a contenção, pedindo uma política externa

anticomunista agressiva. Na eleição presidencial de 1964, ele foi derrotado por Lyndon Johnson em um deslizamento de terra que derrubou muitos congressistas republicanos seniores em todo o país. Goldwater venceu cinco estados no extremo Sul, a mais forte exibição de um candidato presidencial republicano no Sul desde 1872.

O senador do Arizona e candidato presidencial republicano de 1964, Barry Goldwater, foi uma figura-chave do movimento conservador americano nas décadas de 1950 e 1960. Em 1964, o bloqueio democrata no Sul permaneceu forte, mas as rachaduras começaram a aparecer. Strom Thurmond foi o democrata mais proeminente a mudar para o Partido Republicano. Uma causa de longo prazo era que a região estava se tornando mais parecida com o resto da nação e não podia se destacar por muito tempo em termos de segregação racial. A modernização trouxe fábricas, negócios e cidades maiores, bem como milhões de migrantes do Norte, à medida que muito mais pessoas se formavam no ensino médio e na faculdade. Enquanto isso, a base do algodão e do tabaco do Sul tradicional desapareceu à medida que os ex-fazendeiros se mudaram para a cidade ou trabalharam em fábricas. A segregação, que exigia refeições e acomodações separadas para os funcionários, era um sério obstáculo ao desenvolvimento dos negócios.

A causa imediata altamente visível da transição política envolveu os direitos civis. O movimento pelos direitos civis causou enorme controvérsia no Sul branco, com muitos atacando-o como uma violação dos direitos dos estados. Quando a segregação foi proibida por ordem judicial e pelos atos dos Direitos Civis de 1964 e 1965, um elemento obstinado resistiu à integração, liderado pelos governadores democratas Orval Faubus do Arkansas, Lester Maddox da Geórgia, Ross Barnett do Mississippi e, especialmente, George Wallace de Alabama. Esses governadores populistas apelaram para um eleitorado operário menos instruído que, do ponto de vista econômico, favorecia o Partido Democrata e apoiava a segregação.

Após a aprovação da Lei dos Direitos Civis de 1964, a maioria dos sulistas aceitou a integração da maioria das instituições (exceto escolas públicas). Com a remoção da velha barreira para se tornar um republicano, os sulistas se juntaram à nova classe média e aos transplantes do norte em direção ao Partido Republicano. A integração, assim, libertou a política sulista das velhas questões raciais. Em 1963, os tribunais federais declararam inconstitucional a prática de excluir eleitores afro-americanos das primárias democratas, que foram as únicas eleições importantes na maior parte do sul. Enquanto isso, os eleitores negros recém-emancipados

apoiaram os candidatos democratas no nível de 85-90%, uma mudança que convenceu ainda mais muitos segregacionistas brancos de que os republicanos não eram mais o partido negro.

A New Deal Coalition entrou em colapso em meados da década de 1960 em face de motins urbanos, a Guerra do Vietnã, a oposição de muitos democratas do sul à dessegregação e ao Movimento dos Direitos Civis e a desilusão de que o New Deal poderia ser revivido pela Grande Sociedade de Lyndon Johnson. Nas eleições de meio de mandato de 1966, os republicanos obtiveram grandes ganhos, em parte por meio do desafio à "Guerra contra a pobreza". A agitação cívica em grande escala no centro da cidade estava aumentando (atingindo o clímax em 1968) e as etnias brancas urbanas que haviam sido uma parte importante da Coalizão do New Deal se sentiram abandonadas pela concentração do Partido Democrata nas minorias raciais. Os candidatos republicanos ignoraram programas mais populares, como o Medicare ou a Lei do Ensino Fundamental e Médio, e concentraram seus ataques em programas menos populares. Além disso, os republicanos fizeram um esforço para evitar o estigma de negativismo e elitismo que os perseguia desde os dias do New Deal e, em vez disso, propuseram alternativas bem elaboradas - como sua "Cruzada de Oportunidades". O resultado foi um grande ganho de 47 assentos na Câmara para o Partido Republicano nas eleições de 1966 para a Câmara dos Representantes dos Estados Unidos, que colocaram a coalizão conservadora de republicanos e democratas do sul de volta aos negócios.

Nixon derrotou Hubert Humphrey e George C. Wallace em 1968. Quando a esquerda democrata assumiu o partido em 1972, Nixon foi reeleito com 49 estados.

Richard Nixon atualmente detém o recorde da maioria dos estados vencidos em eleições presidenciais, 49 excluindo Massachusetts e D.C. em 1972. O envolvimento de Nixon em Watergate trouxe desgraça e uma renúncia forçada em 1974 e qualquer movimento de longo prazo em direção ao Partido Republicano foi interrompido pelo escândalo. O vice-presidente não eleito de Nixon, Gerald Ford, o sucedeu e deu-lhe o perdão total, dando aos democratas uma questão poderosa que eles usaram para varrer as eleições de 1974 fora do ano. Ford nunca se recuperou totalmente. Em 1976, ele mal derrotou Ronald Reagan para a indicação. A primeira-dama Betty Ford foi notável por suas posições liberais em questões sociais e por seu trabalho na conscientização do câncer de mama após sua mastectomia em 1974. A contaminação de Watergate e as dificuldades econômicas do país contribuíram para a eleição do democrata Jimmy Carter em 1976.

16º Republicano Ronald Reagan (1980-1988) - Revolução Reagan

Ronald Reagan lançou a "Revolução Reagan" com sua eleição para a presidência em 1980, proporcionando uma influência conservadora que continua até os dias atuais. George H. W. Bush, o primeiro ex-vice-presidente a se tornar presidente por voto e não pela morte ou renúncia do presidente em exercício desde 1836, encerrou a Guerra Fria durante seu mandato. Ronald Reagan foi eleito presidente na eleição de 1980 por uma votação eleitoral esmagadora, embora ele só tivesse 50,7 por cento dos votos populares para 41% de Carter e 6,6% do Independent John Anderson, não previsto pela maioria das pesquisas eleitorais (criando uma ilusão de mandato). Funcionando em uma plataforma de "Paz pela Força" para combater a ameaça comunista e cortes massivos de impostos para revitalizar a economia, a personalidade forte de Reagan provou ser demais para Carter. A eleição de Reagan também deu aos republicanos o controle do Senado pela primeira vez desde 1952, ganhando 12 cadeiras, bem como 33 cadeiras na Câmara. Os padrões de votação e os resultados da pesquisa indicam que a vitória republicana substancial foi consequência do fraco desempenho econômico sob Carter e os democratas e não representou uma mudança ideológica para a direita por parte do eleitorado.

Ronald Reagan produziu um realinhamento importante com seus deslizamentos de terra em 1980 e 1984. Em 1980, a coalizão Reagan foi possível devido às perdas democratas na maioria dos grupos socioeconômicos.

Comentaristas políticos, tentando explicar como Reagan venceu por uma margem tão grande, cunharam o termo "Democrata Reagan" para descrever um eleitor democrata que votou em Reagan em 1980 e 1984 (bem como em George H.W. Bush em 1988), produzindo suas vitórias esmagadoras. Eles eram em sua maioria brancos, operários e eram atraídos pelo conservadorismo social de Reagan em questões como o aborto e sua política externa agressiva. Stan Greenberg, um pesquisador democrata, concluiu que os democratas Reagan não viam mais os democratas como campeões de suas aspirações de classe média, mas sim como um partido que trabalhava principalmente para o benefício de outros, especialmente afro-americanos e liberais sociais.

O Partido Republicano, nacionalmente, mudou-se do centro-direita para o centro nas décadas de 1940 e 1950, depois mudou-se para a direita novamente nas décadas de 1970 e 1980.

Reagan reorientou a política americana e reivindicou o crédito em 1984 por uma renovação econômica - "É amanhã novamente na América!" foi o slogan da campanha de sucesso. Os impostos de renda foram reduzidos em 25% e as taxas de impostos mais altas, abolidas. As frustrações do estagflação foram resolvidas com as novas políticas monetárias do presidente do Federal Reserve, Paul Volcker, uma vez que a alta da inflação e a recessão não puxaram mais o país. Trabalhando novamente de forma bipartidária, as crises financeiras da Previdência Social foram resolvidas nos 25 anos seguintes.

Nas relações exteriores, o bipartidarismo não estava em evidência. A maioria dos democratas se opôs obstinadamente aos esforços de Reagan para apoiar os contra guerrilheiros contra o governo sandinista da Nicarágua e para apoiar os governos ditatoriais da Guatemala, Honduras e El Salvador contra movimentos guerrilheiros comunistas. Ele assumiu uma postura dura contra a União Soviética, alarmando os democratas que queriam um congelamento nuclear, mas conseguiu aumentar o orçamento militar e lançar a Iniciativa de Defesa Estratégica (SDI) - chamada de "Guerra nas Estrelas" por seus oponentes - que os soviéticos não podiam partida.

Reagan alterou fundamentalmente vários debates de longa data em Washington, a saber, lidar com a ameaça soviética e reviver a economia. Sua eleição viu a ala conservadora do partido ganhar o controle. Embora insultado pelos oponentes liberais em sua época, seus proponentes afirmam que seus programas proporcionaram um crescimento econômico sem precedentes e estimularam o colapso da União Soviética.

Os detratores das políticas de Reagan observam que, embora Reagan tenha prometido cortar impostos simultaneamente, aumentar maciçamente os gastos com defesa e equilibrar o orçamento, quando ele deixou o cargo, o déficit orçamentário do país triplicou em seus oito anos no cargo. Em 2009, o diretor de orçamento de Reagan observou que a "explosão da dívida não resultou de grandes gastos dos democratas, mas sim da adoção do Partido Republicano, há cerca de três décadas, da doutrina insidiosa de que os déficits não importam se resultam de cortes de impostos " Ele inspirou os conservadores a maiores vitórias eleitorais ao ser reeleito em uma vitória esmagadora contra Walter Mondale em 1984, mas supervisionou a perda do Senado em 1986.

Quando Mikhail Gorbachev assumiu o poder em Moscou, muitos republicanos conservadores duvidaram da crescente amizade entre ele e Reagan. Gorbachev tentou salvar o comunismo

na União Soviética, primeiro acabando com a cara corrida armamentista com os Estados Unidos, depois, em 1989, derrubando o império do Leste Europeu. O comunismo finalmente entrou em colapso na União Soviética em 1991.

O presidente George H. W. Bush, o sucessor de Reagan, tentou moderar os sentimentos de triunfalismo para que não houvesse uma reação adversa na União Soviética, mas a sensação palpável de vitória na Guerra Fria foi um triunfo que os republicanos consideram validar as políticas externas agressivas que Reagan adotou. Como Haynes Johnson, um de seus críticos mais severos admitiu, "seu maior serviço foi restaurar o respeito dos americanos por si próprios e por seu próprio governo após os traumas do Vietnã e Watergate, a frustração da crise de reféns do Irã e uma sucessão de presidências aparentemente falidas".

Governo Republicano atual: George H. W. Bush (1989–1993)

Para entender mais acerca do governo atual de George H. W. Bush, indicamos que você leia o tópico “Conhecendo Bush”.

Bill Clinton x George H. W. Bush (1992) - a partir desse momento, os senhores escreverão a história de ambos os partidos e serão responsáveis por definir o futuro dos Estados Unidos da América.

VALORES DOS PARTIDOS EM 1992

O ser humano tende a enxergar o mundo sob as lentes de um falacioso maniqueísmo: bem versus mal, luz versus trevas, e na conjuntura estadunidense, democratas versus republicanos. Para muitos, as cores azuis dos estados democratas simbolizam uma mentalidade liberal, engajada com causas sociais e ambientais, e pautada em sentimentos de respeito, empatia e valorização dos direitos humanos. Enquanto isso, o tom escarlate dos estados republicanos é a representação máxima do conservadorismo, racismo, machismo, homofobia, supremacia branca, nacionalismo e armamentismo. O diálogo versus a força bruta. O cavaleiro medieval versus o dragão. Todavia, será que essa divisão e oposição de valores é tão clara assim? É tudo preto no branco? Para responder essa pergunta, é essencial pontuar fatores históricos sobre ambos os partidos para encontrar a resposta. Em primeira instância, a própria origem pós-Guerra de Secessão dos dois partidos difere bastante de suas mentalidades atuais. O bipartidarismo estadunidense reforça a ideia de que, de certa maneira, a Guerra de Secessão nunca acabou. O que aconteceu, na verdade, foi uma significativa mudança de lados. O azul democrata que dominava os estados sulistas e defendia a escravidão dos pretos inverteu papéis com o rubro republicano.

Portanto, quem busca por uma resposta simplória que delimite definitivamente quem é o herói e quem é o vilão dessa história, irá se deparar com a verdade: os dois partidos estão em uma penumbra, na qual nenhum deles está completamente imerso na escuridão nem está completamente abençoado pela luz.

ESTRUTURA DE UMA ELEIÇÃO AMERICANA

- Para se candidatar à Presidência nos Estados Unidos é preciso ter 35 anos de idade ou mais, ser nascido no país e viver lá por pelo menos 14 anos.
- Além disso, o voto nos Estados Unidos é feito por meio de cartões perfurados e, o principal, não é obrigatório. Para se ter uma ideia da participação política dos norte-americanos, na última eleição para Presidente, dos cerca de 300 milhões de habitantes do país, apenas 142,072 milhões de eleitores se registraram para votar.
- Em primeiro lugar, os norte-americanos escolhem os candidatos à Presidência de cada partido.
- Para decidir quem representará o partido nas eleições, são feitas eleições primárias (ou prévias) em todos os Estados, para que o povo escolha quem será o candidato de cada partido. Quem escolhe os candidatos à indicação do partido são os delegados partidários. Cada Estado, então, decide como serão as primárias, abertas, fechadas, livres ou do tipo “cáucus”. Dessa forma, decidem se os votantes devem ser filiados aos partidos e se podem participar das prévias dos dois partidos.
- As prévias começam bem antes das eleições à Presidência e o candidato escolhido é confirmado nas Convenções Partidárias. O candidato nomeado como candidato à Presidente escolhe quem será o seu vice.
- Se nenhum candidato conseguir o número de votos no Colégio Eleitoral necessário para ser eleito Presidente (217), a Câmara de Representantes decide quem será o novo líder governamental dos EUA.
- O mandato de um Presidente nos Estados Unidos dura quatro anos e ele só pode ser reeleito uma vez, como no Brasil.
- Existe uma quantidade de debates dos presidenciáveis. 3 debates dos candidatos a presidência, e um debate dos candidatos a vice-presidência.
- Nos EUA, o financiamento de campanhas políticas para eleições federais (Presidência, Senado ou Câmara dos Representantes) é supervisionado pela Federal Election Commission (Comissão Eleitoral Federal, ou FEC, na sigla em inglês), uma agência federal independente.
- A maior parte do financiamento vem de fontes privadas - que podem ser pequenos doadores individuais (pessoas que contribuem com US\$ 200 ou menos), grandes doadores individuais (que contribuem com mais de US\$ 200), comitês de ação política

(os chamados PACs) e grupos cívicos - ou mesmo de autofinanciamento, nos casos em que o candidato financia a campanha com seu próprio dinheiro.

- A legislação estabelece limites para as doações. Indivíduos podem doar até US\$ 2,5 mil diretamente a um candidato ou US\$ 30,8 mil a um comitê nacional de partido político. Empresas e sindicatos são proibidos de fazer doações diretamente a candidatos ou partidos políticos, mas podem doar dinheiro aos PACs.

QUEM FOI GEORGE H. W. BUSH: O 41º PRESIDENTE DOS ESTADOS UNIDOS

George Herbert Walker Bush, um dos cinco filhos do Senador Prescott Bush e de sua esposa Dorothy Walker Bush, nasceu na cidade de Milton, no estado de Massachusetts em junho de 1924. Com uma família de condições econômicas altas, a família Bush se muda para o estado de Connecticut logo após o nascimento de George, onde seu pai, Prescott, atuou como executivo da United States Rubber Company, e viveu durante os primeiros anos de Bush, alavancando como Senador em Greenwich. Logo em seguida, a família de George se transfere para Nova Iorque, onde Prescott inicia uma carreira de investidor em Wall Street. Ao completar 14 anos, George é admitido na Academia de Phillips, em Andover, Massachusetts, no ano de 1938 e concluindo a sua graduação em 1942. Dentro da Academia, Bush atraiu olhares pedagógicos devido ao seu instinto aguçado de liderança, participando como membro capitão do time de Beisebol e Futebol, eleito também para ser presidente de classe, participando, com exclusividade, da fraternidade A.U.V, correspondente ao significado em latim para “Autoridade, Unidade e Verdade”. Durante o período em que esteve na Academia de Phillips, Bush foi informado do ataque surpresa acometido à base naval Norte Americana de Pearl Harbor, culminando no seu alistamento posteriormente na marinha, assim que se graduou, em 1942. Experimentando a vivência de guerra, Bush foi convocado a ser Aviador Naval, sendo o mais novo estadunidense a ocupar o cargo na Segunda Guerra Mundial. O ingresso de George na Marinha só foi permitido e facilitado devido às conexões políticas consequentes ao cargo de Senador, ocupado por seu pai. Devido à sua demonstração de bravura e patriotismo durante o serviço naval, George Bush foi congratulado com um Distinguished Flying Cross, pelo êxito em uma missão onde apenas ele sobreviveu para cumprir. Seguindo a lista de méritos acumulados pelo exemplar desempenho nas missões que lhe eram atribuídas, Bush ainda recebeu: Medalha de Vitória da Segunda Guerra Mundial e Medalha de Campanha Asiática-Pacífica, em nome de sua atuação como Piloto de bombardeiro de Torpedos, enquanto servia no Pacífico. Posteriormente ao sucesso estadunidense na Segunda Guerra, Bush entrou para a Universidade de Yale, onde se formou em Economia, possuindo a oportunidade de se unir a fraternidade Delta Kappa Epsilon, onde foi também introduzido ao Skull and Bones, uma sociedade secreta que o ajudou a desenvolver e concretizar amizades e apoio em seu futuro ramo político.

Ao longo do intervalo de tempo em que esteve atuando como Aviador Naval, Bush se casa com Barbara Pierce, em janeiro de 1945, em Rye, Nova Iorque. Ambos se conheceram durante o feriado de Natal, em um clube de confraternizações de Greenwich. O casamento gerou 6 filhos ao casal. Concomitantemente aos primeiros meses de união com Barbara, Bush foi dispensado do serviço militar, concretizando a sua entrada na Universidade de Yale, conquistando o diploma no ano de 1948 devido a um programa acelerado em que pôde ser contemplado.

Em seguida à conquista do diploma, Bush optou por se mudar, junto à sua família, para Odessa, no Texas, no ano de 1948, onde George teve a oportunidade de trabalhar como balconista no setor de equipamentos de uma empresa de petróleo da região. Durante um breve período de tempo, os Bush se mantiveram em Odessa, mas optaram por se realocarem em Midland, em 1950, local onde Bush iniciou sua jornada trabalhista como vendedor na Dresser Industries, indústria também envolvida no ramo do petróleo. Abrindo um olhar visionário para o ramo em que se encontrava demandando sua mão de obra, George, juntamente com um amigo, iniciaram a formação e desenvolvimento de uma companhia em Midland. Sob a mesma ótica, três anos depois, ambos retornaram com o projeto de uma nova empresa no ramo petrolífero, a Zapata Petroleum, refletindo no ano de 1954, na tomada de Bush como presidente de uma subsidiária, a Zapata Off-Shore Company, responsável pelo desenvolvimento de peças para perfuração. Após esse íterim, George Bush decide definitivamente mudar a sua família e empresa para a cidade de Houston, no Texas. Segundo escritas de jornalistas e estudiosos, o sucesso financeiro acoplado à família Bush é proveniente da atuação política destes que permitiu o acesso e recebimento de informações privilegiadas e de extrema utilidade para interpretar e aproveitar as oportunidades no mundo dos negócios.

DESDOBRE POLÍTICO: BUSH E O GOVERNO NORTE AMERICANO

A carreira política de George Herbert Walker Bush está presente no legado de sua família desde os seus antepassados. Com a inserção de seu pai nos assuntos e trâmites políticos, Bush cresceu acompanhando de perto os debates e discussões que baseiam campanhas e comitês eleitorais. No ano de 1952, na eleição de Prescott para Senador de Connecticut, George obteve o esclarecimento pessoal que lhe direcionou os interesses pelos serviços políticos e públicos, culminando na concretização dos seus dois mandatos como Representante do Congresso do Texas. Concorreu ao Senado por duas eleições seguidas, não ganhando e enfrentando pertinentes dificuldades ao encarar o democrata Ralph Yarborough, em 1964, pois Bush, ao se declarar republicano no Texas, enfrentou uma árdua batalha contra a força do Partido Democrata local. A excelência na manutenção das relações interpessoais de Bush cativou o público e fortaleceu a sua imagem dentro do Partido Republicano, alavancando suas projeções políticas. No ano de 1966, George concorreu para uma vaga na Câmara dos Representantes dos Estados Unidos da América pelo sétimo Distrito de Houston, concorrendo como um Republicano moderado e vencendo o processo eleitoral com mais de 50% dos votos.

Além de servir por dois mandatos como Representante do Congresso do Texas, George ganhou uma cadeira no aclamado Comitê de Formas e Recursos, feito raro para um congressista considerado calouro. Colecionou ainda várias nomeações para cargos de alto nível, sendo eles: Embaixador nas Nações Unidas (cargo de essencial importância futura, ao tratar e lidar na década de 90 com a liderança da coalizão da ONU na Guerra do Golfo), Presidente do Comitê Nacional Republicano, Chefe de Escritório de Ligação dos EUA na República Popular da China e Diretor da Agência Central de Inteligência. A sua história na CIA durou cerca de um ano (1976 - 1977), em detrimento da necessidade de seguir a carreira política, mas não deixou de agregar informações e dados essenciais para a condução de situações extremistas e a tomada de decisões árduas e delicadas. Bush apoiou a Guerra do Vietnã e participou votando em partes do programa Great Society, do presidente Johnson, incluindo o Civil Rights Bill de 1968, em busca da proibição da discriminação do quesito habitação, considerado um arrisacado e corajoso voto a ser declarado por um congressista do Texas. No ano de 1970, após o cumprimento de seus dois mandatos na Câmara, Bush tentou

uma outra candidatura no Senado, concorrendo com o Democrata Conservador Lloyd Bentsen. Como consequência direta da força do Partido Democrata no Texas e quase não divergência dos ideais entre os candidatos, Bush mais uma vez perdeu as eleições. Após sua derrota, neste mesmo ano, o então Presidente Richard Nixon, nomeia George como embaixador dos Estados Unidos da América na ONU.

A oposição crítica à decisão presidencial era resultado da inexperiência no tópico Política Externa por parte de Bush, todavia o senado confirmou a decisão de Richard. George não fez parte do círculo interno do Governo Nixon, provocando um declínio expressivo em sua eficiência e atividade dentro das Nações Unidas. Todavia, Bush aproveitou a oportunidade e seguiu utilizando o seu mandato para a feitura de amizades influentes nas diretrizes políticas governamentais Norte Americana. Em 1973, o então Presidente Nixon recolheu Bush de suas atividades na ONU e solicitou o seu serviço como novo Presidente do Comitê Nacional Republicano (RNC), concedendo-lhe este cargo devido a integridade, compromisso e responsabilidade mostrada por George durante suas demandas entregues. No momento da ocorrência do Escândalo de Watergate, Bush defendeu de forma incansável o Presidente Nixon, até o momento em que houve o lançamento das fitas da Casa Branca, desencadeando a chegada da informação ao Presidente de que Bush não mais contava com o apoio do Partido Republicano. Após os rumores gerados pelo caos momentâneo, Nixon renunciou ao seu cargo de Presidente no ano de 1974, fazendo com que Bush perdesse a Presidência do Comitê Nacional Republicano. Gerald Ford assume a presidência e nomeia Bush como Chefe do Escritório de Ligação dos EUA na República Popular da China.

No período em questão, os Estados Unidos ainda não cultivavam relações diplomáticas plenas com a China, por conta disso, Bush não havia sido nomeado Embaixador. O retorno chinês a Washington ocorreu em 1975, com a solicitação do Presidente Ford à Bush, para se tornar o novo Diretor da Agência Central de Inteligência (CIA). Durante o tempo concentrado na direção da CIA, George recebeu elogios por sua conduta de excelência administração e competência moral na explanação de suas habilidades de liderança. Após a perda das eleições presidenciais de 1976, Ford deu lugar para Jimmy Carter, o qual Bush ofereceu se manter dirigindo e liderando as ocorrências e necessidades da CIA, porém obteve o seu pedido recusado. Logo em seguida, os Bush deixaram a cidade de Washington, D.C e regressaram a Houston.

George H. W. Bush retorna ao campo corporativo, em Houston, e dá início ao planejamento da sua campanha presidencial de 1980. Buscando o restabelecimento de seus contatos

prévios no Texas, Bush inicia o processo de arrecadação de fundos e no dia 1º de Maio de 1979, George anuncia a sua candidatura como indicação republicana para presidente. Nesse ínterim, Bush surpreende ao vencer a convenção política de Iowa, realizando incansáveis campanhas em todo o estado, repleto de determinação e energia, foram levantadas certas preocupações acerca do plano econômico de Ronald Reagan, Governador da Califórnia, explanando a necessária redução de impostos e o expressivo aumento dos gastos militares diante do equilíbrio do orçamento federal. Existe uma marcante frase dita por George que rotula o plano Reagan, gozando dele: “Voodoo economics” (“Economia vodu”).

Ao retornar o enfoque de sua campanha para New Hampshire, Bush se encontra envolvido em um incidente tradicional da história política Norte Americana: o jornal Telegraph de Nashua propõe um debate apenas entre Reagan e Bush. Os trâmites e decisões envolvidos neste debate refletiram negativamente em Bush e expuseram o patamar ocupado por Reagan. George perdeu para Reagan em New Hampshire, que ao conquistar a indicação, se dirigiu à consolidação do Partido Republicano por trás de uma chapa popular. Diante da necessidade de escolha de seu companheiro de chapa, Bush surgiu como opção em consenso para o segundo lugar, como reflexo do seu apelo à ala mais moderada do partido. Assim que aceitou a oferta de Reagan, George recebeu críticas por concretizar sua mudança de posição econômica anterior, sendo questionado sobre seu posicionamento sobre o aborto e o caminhar econômico estadunidense. Trabalhando de forma árdua ao longo da sua campanha de 1980, viajou pelo país inteiro em nome da promoção da chapa Reagan-Bush, atacando diretamente os seus oponentes democratas. No dia da eleição, Reagan e Bush venceram com 51% dos votos, onde Reagan obteve 489 votos do Colégio Eleitoral.

O Partido Republicano assumiu o controle do Senado Norte Americano pela primeira vez desde 1954. Inúmeros Republicanos Conservadores elogiaram a chamada “Revolução Reagan”. Atuando como vice-presidente dos Estados Unidos, Bush trabalhou para conquistar a confiança dos conselheiros de Reagan no Governo, comprovando incontáveis vezes a sua lealdade e devoção ao presidente no cargo. George Bush preside uma grande quantidade de forças-tarefa para o Governo, dentre elas uma que defendia a Reforma Regulatória e outra sobre o Contrabando de Drogas e o Consumo delas. Usufruindo do cargo para viagens internacionais em nome da administração do Presidente dos Estados Unidos, George efetivou vários contatos políticos de peso, nacionais e internacionais. Em contrapartida, tais comunicações assíduas acabaram o envolvendo em um escândalo de vendas de armas estadunidenses para o Irã, violando a política armamentista dos Estados Unidos. Diante do

caos instalado pelo escândalo, muitos componentes do governo Reagan renunciaram aos seus cargos. Bush foi duramente bombardeado de questionamentos e especulações, refutando-as com liberações informacionais midiáticas que afirmavam o seu não envolvimento na elaboração desta política e o seu desconhecimento sobre a aplicação desta no sistema legislativo Norte Americano.

Em 13 de outubro de 1987, George H. W. Bush anunciou a sua candidatura como indicação Republicana para as eleições presidenciais dos Estados Unidos da América. O grande pilar de sua campanha consistia no reforço de sua atuação como vice-presidente no Governo Reagan, expondo a sua experiência e compromisso como fatores clamados para dar continuidade, agora ocupando o cargo de Presidente. Durante o período de condução de sua campanha, Bush dependeu de dois grandes aliados: James Baker, amigo herdado do Texas, que havia sido Chefe de Gabinete e Tesoureiro de Reagan, e Lee Atwater, um contundente consultor político. Lutando constantemente contra a imagem fraca e frágil que havia sido construída sobre ele, sua campanha eleitoral de 1988 provou ao público que Bush estava apto para adentrar o traiçoeiro e hostil mundo político-eleitoral. Após perder o estado de Iowa, Bush inicia uma campanha ainda mais forte, visando abater seus oponentes e vence as primárias de New Hampshire, passando em seguida a dominar as corridas da Super Tuesday. Sabendo da necessidade de escolha perspicaz do seu vice-presidente, o selecionado foi o Senador Júnior de Indiana, Dan Quayle, que atraiu Bush por sua juventude e credenciais conservadoras. Ao proferir o seu discurso de aceitação na convenção eleitoral, George enfatiza a experiência conquistada no seu mandato como vice-presidente, expondo todos os pontos agregados à campanha política da chapa de Reagan.

Citando o período de serviço Militar na Segunda Guerra Mundial e seus anos como servidor público, Bush prometeu aperfeiçoar determinados aspectos que foram nocivos ao governo anterior, declarando abertamente que uma nação deveria ser mais cortês. De forma notória, Bush reforça o seu posicionamento sobre a cobrança dos impostos, prometendo não os aumentar e proferindo a icônica frase: “Read my lips: no new taxes” (“Leia meus lábios: sem novos impostos”). Ciente da sua campanha visando a continuidade do legado deixado por Reagan, Bush não propôs mudanças radicais. Se opôs de maneira evidente ao aborto e à queima de bandeiras, apoiou o voluntariado comunitário e o livre comércio, ansiando ser lembrado como o presidente da educação. No dia da eleição, o eleitorado apoiou a manutenção do curso da antiga presidência e a chapa Bush-Quayle venceu a eleição dos Estados Unidos da América com 53% dos votos e 426 votos do Colégio Eleitoral. George Bush

inicia a sua presidência com os democratas no comando da Câmara dos Representantes e do Senado.

No ano de 1991, o então Presidente George Bush mantinha altos níveis de aprovação, se aproximando em certas regiões de 90%. O grande impacto deste período chegou de surpresa para Bush, que não conseguia imaginar o declínio populista que o seu governo estava prestes a sofrer. Com a aproximação das novas eleições Norte Americanas, houve a exposição populacional de menor preocupação com a salvaguarda das políticas externas estadunidenses, e clamavam por atenção na situação econômica interna do país. O desaceleramento da economia dos Estados Unidos incitou grande revolta na população de classe média, denunciando a ineficiência de ações provenientes do Presidente diante do grave quadro de recessão econômica. A parcela dos republicanos obstinados nunca perdoou Bush pelo não cumprimento de sua promessa eleitoral, em 1988, de não aumentar os impostos nacionais. George conduziu a sua campanha sem ânimo e entusiasmo, carecendo de foco e energia que pudessem gerar um boom capaz de recuperar a ineficiência da comunicação da sua chapa com o público, que culminaram na perda grotesca das eleições para o candidato Bill Clinton.

WILLIAM JEFFERSON BLYTHE III: CONHEÇA BILL CLINTON

William Jefferson Blythe III, nascido em 1946 no estado de Arkansas, Estados Unidos, é um estadunidense popularmente conhecido como Bill Clinton. Com o falecimento de seu pai em um acidente de carro três meses antes do seu nascimento, sua mãe, Virginia Dell Blythe, se casou novamente com um homem chamado Roger Clinton. William, que tinha recebido como apelido inicial “Blythe”, passou a usar Bill como primeiro nome e anexou o sobrenome de seu padrasto à composição, originando o aclamado Bill Clinton. Mesmo diante de um conturbado casamento entre a mãe e o padrasto, com a presença assídua de problemas em detrimento ao consumo de álcool e atitudes abusivas do padrasto, Clinton seguiu concentrado em conquistar seus objetivos acadêmicos com louvor. Aos seus 16 anos, Bill frequentava a Hot Springs High School e já havia despertado atenção e admiração pelo então ocupante do cargo presidencial estadunidense deste ano: John F. Kennedy. Sob a ótica de uma árdua infância e desafiadores anos juvenis, toda a família Clinton, por mais que distante das métricas tradicionalistas do perfil Norte Americano do momento, cultivavam respeito e deslumbre pelo presidente Kennedy. Durante sua trajetória acadêmica, Bill culminava a escolha de sua futura profissão, passeando por campos diversos e buscando assentar o que mais descrevia o seu perfil. Elegido como um dos dois cidadãos de Arkansas para o Boy’s Nation daquele ano, evento organizado pelo American Legion (programa responsável por levar os melhores e mais brilhantes estudantes do país para Washington, D.C, em nome de um seminário de uma semana para que os estudantes pudessem conhecer os líderes oficiais do Governo Estadunidense), Bill teve a oportunidade de estar em contato com assuntos competentes ao setor político-governamental, fomentando a geração de propostas de leis e interagindo com decisões provenientes de líderes governamentais. Durante a ocorrência do supracitado evento, Clinton conheceu John F. Kennedy, gerando um encontro e aperto de mãos que refletiria em ações políticas no seu campo de atuação futuro.

No ano de 1964, Bill ingressou na Universidade de Georgetown, na cidade de Washington, obtendo sua graduação no curso de Relações Internacionais. Ao longo da sua graduação, se envolveu em grupos estudantis de militância, dando início ao seu trabalho como estagiário ao lado do senador J. William Fulbright. Após a sua formação em Georgetown, Bill ganhou uma bolsa de estudos como prêmio Rhodes para estudar na Universidade de Oxford, durante dois, sem conquistar o diploma, sendo transferido nesse ínterim para participar da Guerra

do Vietnã, fato que Clinton se mostrou fortemente em discordância, proferindo incontáveis vezes o seu descontentamento com a situação política e militar vivida nesse momento. Ele não atuou dentro do corpo militar estadunidense durante o período da Guerra, mas fez parte de grandes protestos e organizou manifestações que conjecturam sobre a desnecessária atuação militar Norte Americana em solo Vietnamita. No ano de 1973, Clinton finalmente concretizou os seus anseios acadêmicos e se graduou em Direito pela Universidade de YALE.

Durante a graduação, em 1971, ele conheceu uma colega de curso, Hillary Rodham e logo após, desenvolveram um relacionamento e deram início a um namoro, este que culminou na recusa de Clinton em trabalhar na campanha eleitoral de George McGovern, em 1972, para que Hillary e Bill estivessem juntos na mudança da amada para Califórnia. Concretizando o casamento no ano de 1975, a primeira e única filha do casal nasceu em 1980. Ao lado de sua esposa, Bill explorou ramos políticos e dividiu momentos de louvor e angústia. O Caso Whitewater foi um grande marco na história sociopolítica do casal, envolvendo Hillary em suspeitas de corrupção e difamando informações que incriminassem e denunciasses a esposa de Bill.

O GOVERNO CLINTON: QUADRO POLÍTICO

O sucesso da carreira de Bill Clinton sempre esteve presente como grande objetivo de seu processo de formação profissional, galgando seguir os passos de grandes personalidades e refletir na sociedade os princípios éticos e morais que sustentam a coesão e desenvolvimento da população estadunidense. Ao conquistar a graduação em YALE, Clinton se mudou de volta para o estado onde nasceu, com uma proposta de emprego concretizada como Professor na área de Direito com enfoque em Leis/Legislação na Universidade de Arkansas, em Fayetteville. Concomitantemente, Clinton enxergou em seu novo emprego uma oportunidade de abarcar o seu interesse em política e comportamento social, aproveitando o momento oportuno para concorrer a um cargo na Câmara dos Representantes, contra o candidato republicano John Paul Hammerschmidt, em um distrito conservador. Clinton perdeu as eleições, mesmo com o fortalecimento de sua campanha em detrimento de um sentimento anti-republicano acentuado pelo escândalo do Caso de Watergate, enfraquecendo o viés político do Partido Republicano no ano de 1975. Em seguida, depois da derrota acirrada para o cargo na Câmara, Bill, que clamava pela inserção em um cargo político de visibilidade, se candidatou em 1976 a Procurador Geral do Estado, ganhando sem haver estorvo. Avançando para o ano de 1978, Clinton venceu as eleições para governador, tornando-se o governador mais novo do país. Com apenas 32 anos de idade, Clinton derrotou o republicano Lynn Lowe e assumiu o cargo, alocando para sua equipe de campanha a sua esposa, Hillary, colocando-a como responsável pela administração de comitês que comandavam as reformas propostas por Clinton durante a campanha do seu governo. Em contrapartida, a sua inexperiência no serviço público daquele porte acaba culminando em um contexto de impopularidade, refletindo na rejeição popular das taxas e impostos cobrados, assim como a inconformação social diante da ineficiência de ações do governo para solucionar a fuga de prisioneiros cubanos e a crise proporcionada pelo Êxodo de Mariel (1980), balançando a estabilidade política e acordos internacionais. Conseqüentemente aos fatores negativos do governo, Clinton não foi reeleito na sua tentativa de seguir no poder, perdendo para o candidato republicano Frank D. White.

Sob a ótica de desligamento do seu cargo, Bill, ainda incrédulo por não ter conquistado a reeleição, inicia sua participação na firma de advocacia de Bruce Lindsey, em Little Rock, todavia, ele demanda grande parcela do seu labor se dedicando aos preparos de sua nova campanha, usufruindo da oportunidade de aparecer na mídia e manipular com seu carisma

e charme, a decisão do eleitor, buscando concorrer de novo para Governador de Arkansas e conquistando a sua eleição em 1982, mantendo-se no cargo por um período de 10 anos. Os desdobres que atendem a década em que sustentou o poder, garantem Clinton como expoente, assegurando mudanças que aumentaram a sua popularidade e solidificou a confiança populacional em seu trabalho no governo. No decorrer dos seus mandatos, Bill soube erguer e alimentar dois pilares essenciais para a manutenção da coesão social: a educação e a economia. Modernizando e reformando pontos cruciais desses pilares, o setor educacional de Arkansas experimentou um boom de aprovações em universidades, observando atentamente as pontuações e crescimento das instituições, foi também observado nesse período que o índice de evasão escolar decaiu significativamente, usufruindo da liderança de Hillary Clinton no viés educacional, as métricas e parâmetros das instituições de ensino da região apresentaram crescimento exponencial positivo. Firmando como uma grande prioridade do seu governo, Clinton tornou a reforma da educação estatal a sua marca registrada, com Hilary comandando o Comitê de Educação do Arkansas, o sistema educacional público pôde se transformar ao ponto de ser considerado o melhor dos Estados Unidos. Readmitindo o direcionamento da verba, o investimento no setor acadêmico proporcionou compulsórias melhorias em todas as seções que compõem este setor. As reformas enfrentaram atritos dentro do legislativo, porém foram aprovadas em 1983, sendo este o maior feito de Clinton como governador. A modernização da cobrança de impostos se aproveitou de uma inteligente estratégia de realocação de cobranças, cortando os impostos sobre os medicamentos para a população idosa e crescendo os números para isenção tributária da casa própria. Diante do viés inclusivo e social pregado em sua campanha, Clinton agiu de forma decisiva na promoção de ações afirmativas, propondo projetos que determinam a inclusão da população afro-americana em conselhos, comissões e agências. Dessa maneira, Bill conseguiu assentar um modelo de campanha eleitoral com vislumbre duradouro, de cunho permanente, se apoiando no suporte de seu consultor político, ele promoveu agendas legislativas sustentadas por pesquisas de opinião pública, utilizando todas as plataformas e veículos de mídia para propagar as políticas eleitorais defendidas por Clinton.

Ao ingressar na efetivação dos planos de sua campanha, Bill conjecturou-se como uma imagem essencial no movimento que explodiu no período, o chamado Novos Democratas, ação centrista do parlamento Norte Americano, consistiu na formação de um grupo do Partido Democrata que ansiava pela reforma no programa de assistência social, a redução de interferência governamental e a crucificação do tradicionalismo presente nas políticas

liberais. Na perspectiva da eleição presidencial de 1984, a opressiva vitória do conservador Ronald Reagan, disseminou a crença de que a adoção de uma posição mais centrista seria a solução para a garantia de visibilidade e sucesso nas eleições nacionais. Assumindo a liderança de uma parcela desses movimentos, Bill Clinton realiza um discurso, como resposta aos democratas, sobre o Estado da União de Reagan, conquistando o posto de Chefe da Associação Nacional dos Governadores (1986 - 1987), garantindo assim, sua visibilidade em âmbito nacional. Usufruindo do momento, e aproveitando a oportunidade para concretizar os seus planos eleitorais, Clinton usufrui da sua oratória com poder persuasivo para argumentar a utilização republicana de questões raciais para obter vantagem política, argumentando fortemente a sua aversão ao discurso e reforçando que não deveria haver divisões no posicionamento socioeconômico pautado no quesito racial. Insistindo no pragmatismo e traços moderadores, Bill pontua a essencialidade dos programas governamentais, um palco centrista que enfatiza oportunidades, empregos, a lei, ordem e responsabilidade. Tal fala esclarece a sua defesa de que o governo deveria disponibilizar oportunidades trabalhistas em caso de falhas no mercado livre, acordando como o indivíduo a responsabilidade do trabalho em nome da contribuição para ordem civil comum. O estabelecimento dessa ligação entre a consagração americana de trabalho e individualismo a uma visão progressista do papel governamental, engendraram um perfil filosófico de autoreferência como Novo Democrata, pontuando as pautas debatidas como parte de uma Nova Aliança.

Sob a perspectiva de posicionamentos e oficialização de opiniões dentro do seu poder, ciente da sua capacidade de influenciar e gerar novas opiniões, Bill Clinton deixa claro durante os primeiros anos de sua atuação na política que não é adepto à Pena Capital. Em contrapartida, Clinton condena presos à pena de morte durante o seu primeiro mandato em Arkansas, no ano de 1973, e se revela condizente com a prática como forma de punição aos crimes que façam jus a este drástico fim. No ano de 1988, a Pena de Morte é reeinstaurada em nível Federal.

As especulações e comentários sobre a possível participação de Bill Clinton na corrida presidencial tem início no ano de 1988, quando há a inferência de que Bill estará como representante democrata, após a desistência de Mario Cuomo, Governador de Nova York, e do diplomata Gary Hart. Desapontando os rumores e especulações, Clinton não entra com campanha eleitoral para presidente no ano de 1988, optando pela permanência no seu cargo de Governador de Arkansas, onde foi reeleito logo. Durante as eleições presidenciais, Bill

esclareceu a sua recomendação ao candidato Michael Dukakis, sendo também o primeiro a discursar na convenção do partido, levando cerca de 33 minutos, ocupando mais da metade do tempo disponibilizado. Esse discurso gerou descontentamento populacional, sendo proferido durante um longo período e com conteúdo enfadonho, enfatizando a ocorrência de políticas e programas que incitaram o público a achar que estaria, acordado com tópicos a efetivação de pontos que não seriam benéficos a Clinton em uma possível campanha eleitoral para Presidente. Todavia, como grande aliada em todas as suas campanhas, a mídia foi essencial para assegurar que Bill ainda estava apto e tinha a popularidade para concretizar a sua eleição, manifestando, em um programa de televisão, momentos descontraídos e relaxados em que brincava e conversava sobre o momento tensionado pelo público durante o nosso descuido.

O ansiado e planejado ano na carreira e vida de Bill Clinton chegou carregado de novas responsabilidades. Em 1992, o peso das eleições presidenciais Norte Americanas incitou a movimentação de uma das campanhas mais estruturadas e aclamadas da história estadunidense. No poder, em busca de uma reeleição, George H. W. Bush estava agrupando seus maiores esforços para o memorável 3 de novembro. Acredita-se que o desenrolar das campanhas foi palco de momentos pontuais, incentivando a luta entre Republicanos e Democratas, Clinton se aproveitou do poder da mídia para mais uma vez, reforçar os seus ideais e agregar confiabilidade aos seus eleitores. Usufruindo da despreocupação populacional sobre os desdobres de sua vida longe das praças públicas, Bill soube conduzir todas as suas aparições midiáticas com muita maestria e louvor, envolvendo o telespectador e cativando-o ao ponto de relevar possíveis aparições de escândalos de sua vida pessoal. Atento aos impostos que pesaram o período e demonstrando clara preocupação com a parcela social desfavorecida e não reconhecida, a famosa frase “I feel your pain” (“Eu sinto a sua dor”) se tornou grande sinônimo de apoio às causas das minorias, garantindo a Clinton o voto e apoio necessários no território estadunidense, para a concretização de uma campanha de ouro e muito bem-sucedida.

ANÁLISES DE DADOS DEMOGRÁFICOS

Todo país democrático depende de um acordo de respeito e equilíbrio entre o governo e a oposição, os Estados Unidos não seriam diferentes. Por mais que existam múltiplos partidos políticos e na eleição de 92 a participação de candidatos independentes como H. Ross Perot tenha sido significativa, conquistando 18.91% do voto popular, nenhum se compara em números e em influência aos gigantes que são o Partido Democrata e o Partido Republicano estadunidenses. Esses dois agentes foram pilares fundamentais para o desenvolvimento do governo americano e tiveram impacto significativo na vida de sua população desde o processo de independência, mas como estes partidos causaram esse impacto e qual impacto é fundamental para compreender os padrões de voto de certos demográficos americanos que hoje em dia, na era do voto universal, podem virar uma eleição.

As diferenças expressas em votações políticas são comumente resultado de fatores sócio-econômicos que permeiam a totalidade da população de um país. Por mais que o “povo americano” seja um monolítico comum, os Estados Unidos da América está longe de ser uma nação uniforme. O processo histórico, que é o que molda a personalidade de um país, seus valores e suas prioridades, é dolorosamente variável dependendo de raça, gênero ou classe. Apenas para colocar em perspectiva, todo homem branco nascido e naturalizado americano recebeu o direito ao voto em 1868 com a décima quarta emenda. Mulheres brancas recebem o direito ao voto em todo o território nacional apenas em 1920 com a retificação da décima nona emenda. Homens negros teoricamente teriam o direito ao voto pela décima quinta emenda de 1870, mas tinham seus direitos sabotados em todo o território nacional através de leis locais, e só puderam exercer suas cidadanias a partir de 1965, através do Ato de Direitos de Votos, assinado pelo presidente democrata Lyndon B. Johnston que proibiu federalmente qualquer forma de discriminação no processo eleitoral.

Ligado diretamente ao fenômeno de disparidade de votos entre estados dos Estados Unidos, está a filosofia de confederação sob a qual ele foi fundado. Durante a revolução Americana, as treze colônias, independentes umas das outras, uniram forças para declarar guerra contra os ingleses e após sua vitória preferiram manter sua independência legislativa, direito este também garantido para qualquer outro estado que entrou posteriormente para a União. Isto tornou quase impossível que qualquer coisa acontecesse uniformemente no país, exemplificado pela luta que foi o processo de abolição no século 19. Para que o Governo

Federal consiga passar qualquer coisa dentro do congresso ele precisa de apoio significativo, de sul a norte, de leste a oeste e de democrata a republicano.

Teoricamente, todo cidadão estadunidense acima de 18 anos e registrado no sistema de seu estado, tem o direito ao voto, com exceção da Dakota do Norte, que não exige registro prévio. Mas é preciso atentar a quem está excluído deste processo. Detentos penitenciários em todos os estados menos Maine e Virgínia tem este direito revogado até que sua pena seja cumprida em totalidade, e enquanto em alguns estados o ex-detento pode se re-registrar a votar, em outros esse direito é cerceado por tempo indeterminado. Considerando o histórico dos EUA de perseguição e encarceramento em massa da população negra, somado a luta conturbada pelos direitos civis tais como o voto para afro-americanos, este dado recebe diversas camadas de complexidade. A população negra tende a votar majoritariamente democrata pelo seu histórico positivo com o partido nos governos a partir de Kennedy e LBJ, mas na eleição de 1992, que os níveis de polarização da política americana não estavam tão críticos como em 2016-2020, não seria completamente impossível um afro-americano votar republicano.

A questão é que: para o partido apelar para um eleitorado não-garantido como o negro ele teria que abrir mão do apoio incondicional de seu demográfico conservador. E para o partido democrata, mesmo que o apoio deste demográfico seja garantido, é por eliminação e não por lealdade. A população negra constantemente põe seus candidatos democratas à prova durante a campanha e em todo o governo, não é incomum um candidato ser eleito pelo “voto negro”, mas não ter números fantásticos com ele durante o mandato. É fundamental que não ocorra um deslize com o eleitorado negro, pois isso abre espaço para dúvidas e dúvidas custam eleições.

Imigrantes têm direito ao voto se eles forem naturalizados estadunidenses, falarem e escreverem em inglês e cumprirem os pré-requisitos básicos já estabelecidos para não imigrantes. A composição deste demográfico e de seus descendentes é majoritariamente de asiáticos (chineses, japoneses, coreanos, filipinos, indianos, paquistaneses) e latino-americanos (de toda a América Latina). Falando primeiro do demográfico asiático, ele é surpreendentemente não participativo em eleições, em grande parte pelo quão pouco eles são incluídos nos alvos de campanhas tanto de registro de voto quanto campanhas políticas em geral e a ausência de vontade espontânea em participar do processo vem do lugar social imposto a eles pelo sistema racista vigente nos estados Unidos de “minorias modelo”, que em breve resumo inclui ocupar o mínimo de espaço possível, metaforicamente falando, e exigir o mínimo de direitos possíveis, que infelizmente se traduz em não se envolver com política

americana em geral. Mas até pelas tendências conservadoras de comunidades asiáticas, em destaque a indiana, o voto asiático em 92 tende a pesar para o lado Republicano.

A comunidade latina estadunidense é o segundo maior demográfico não-branco do país em 92, tendo densidade significativa em estados fundamentais para o processo eleitoral como Califórnia e Texas e é em sua maioria de primeira à quinta geração de imigrantes. A população latina enfrenta comumente a barreira linguística como obstáculo para entrar no processo de votação, problema compartilhado com a asiática, e sua participação passa a escalar significativamente ao longo dos anos 90 até os anos 20.

O eleitorado branco é maioria em todas as eleições americanas, começando a decair a partir dos anos 2000. Compondo mais de 80% dos votantes em 92, tendo uma divisão perigosamente igualitária entre os dois grandes partidos, mas pendendo levemente para republicano. Este demográfico é extremamente diverso, pois brancos ocupam todos os espaços que se pode pensar, de trabalhadores de fábricas que lutam por seus direitos a donos de grandes fortunas que não querem ver esses direitos sendo aplicados. O padrão que se reconhece é que o branco republicano é muito mais leal ao seu partido e seus ideais do que o branco democrata, havendo exceções para ambos os casos. No geral, mesmo que individualmente os votos brancos sejam inconstantes, na contagem final a porcentagem de votos em cada lado sempre se mantém muito próxima.

A ELEIÇÃO DE 92

Para fins de funcionamento do comitê, as zonas eleitorais independentes Maine 1, Maine 2, Nebraska 1, Nebraska 2 e Nebraska 3, foram envolvidas em seus estados mãe.

ALABAMA: Possui 9 votos no sistema de colégio eleitoral e foi conquistado por BUSH com 47.65% do voto popular.

ALASKA: Possui 3 votos no sistema de colégio eleitoral e foi conquistado por BUSH com 39.46% do voto popular.

ARIZONA: Possui 8 votos no sistema de colégio eleitoral e foi conquistado por BUSH com 38.47% do voto popular.

ARKANSAS: Possui 6 votos no sistema de colégio eleitoral e foi conquistado por CLINTON com 53.21% do voto popular.

CALIFÓRNIA: Possui 54 votos no sistema de colégio eleitoral e foi conquistada por CLINTON com 46.01% do voto popular.

COLORADO: Possui 8 votos no sistema de colégio eleitoral e foi conquistado por CLINTON com 40.13% do voto popular.

CONNECTICUT: Possui 8 no sistema de colégio eleitoral e foi conquistado por CLINTON com 42.21% do voto popular.

DELAWARE: Possui 3 votos no sistema de colégio eleitoral e foi conquistado por CLINTON com 43.51% do voto popular.

DC: O Distrito de Columbia possui 3 votos no sistema de colégio eleitoral e foi conquistado por CLINTON com 84.64% do voto popular.

FLÓRIDA: Possui 25 votos no sistema de colégio eleitoral e foi conquistado por BUSH com 40.89% do voto popular.

GEORGIA: Possui 13 votos no sistema de colégio eleitoral e foi conquistado por CLINTON com 43.47% do voto popular.

HAVAÍ: Possui 4 votos no sistema de colégio eleitoral e foi conquistado por CLINTON 48.09% do voto popular.

IDAHO: Possui 4 votos no sistema de colégio eleitoral e foi conquistado por BUSH com 42.03% do voto popular.

ILLINOIS: Possui 22 votos no sistema de colégio eleitoral e foi conquistado por CLINTON com 48.58% do voto popular.

INDIANA: Possui 12 no sistema de colégio eleitoral e foi conquistada por BUSH com 42.91% do voto popular

IOWA: Possui 7 votos no sistema de colégio eleitoral e foi conquistado por CLINTON com 43.29% do voto popular.

KANSAS: Possui 6 votos no sistema de colégio eleitoral e foi conquistado por BUSH com 38.88% do voto popular.

KENTUCKY: Possui 8 votos no sistema de colégio eleitoral e foi conquistado por CLINTON com 44.55% do voto popular.

LOUISIANA: Possui 9 votos no sistema de colégio eleitoral e foi conquistada por CLINTON com 45.58% do voto popular.

MAINE: Possui 4 votos no sistema de colégio eleitoral e foi conquistado por CLINTON com 38.77% do voto popular.

MARYLAND: Possui 10 votos no sistema de colégio eleitoral e foi conquistada por CLINTON com 49.80% do voto popular.

MASSACHUSETTS: Possui 12 votos no sistema de colégio eleitoral e foi conquistado por CLINTON com 47.54% do voto popular.

MICHIGAN: Possui 18 votos no sistema de colégio eleitoral e foi conquistado por CLINTON com 43.77% do voto popular.

MINNESOTA: Possui 10 votos no sistema de colégio eleitoral e foi conquistado por CLINTON com 43.48% do voto popular.

MISSISSIPI: Possui 7 votos no sistema de colégio eleitoral e foi conquistado por BUSH com 49.68% do voto popular.

MISSOURI: Possui 11 votos no sistema de colégio eleitoral e foi conquistado por CLINTON com 44.07% do voto popular.

MONTANA: Possui 3 votos no sistema de colégio eleitoral e foi conquistada por CLINTON com 37.63% do voto popular.

NEBRASKA: Possui 5 votos no sistema de colégio eleitoral e foi conquistado por BUSH com 46.58% do voto popular.

NEVADA: Possui 4 votos no sistema de colégio eleitoral e foi conquistado por CLINTON com 37.36% do voto popular.

NOVA HAMPSHIRE: Possui 4 votos no sistema de colégio eleitoral e foi conquistado por CLINTON com 38.86% do voto popular.

NOVA JERSEY: Possui 15 votos no sistema de colégio eleitoral e foi conquistado por CLINTON com 42.95% do voto popular.

NOVO MÉXICO: Possui 5 votos no sistema de colégio eleitoral e foi conquistado por CLINTON com 45.90% do voto popular.

NOVA YORK: Possui 33 votos no sistema de colégio eleitoral e foi conquistado por CLINTON com 49.73% do voto popular.

CAROLINA DO NORTE: Possui 14 votos no sistema de colégio eleitoral e foi conquistada por BUSH com 43.44% do voto popular.

DAKOTA DO NORTE: Possui 3 votos no sistema de colégio eleitoral e foi conquistado por BUSH com 44.22% do voto popular.

OHIO: Possui 21 votos no sistema de colégio eleitoral e foi conquistado por CLINTON com 40.18% do voto popular.

OKLAHOMA: Possui 8 votos no sistema de colégio eleitoral e foi conquistado por BUSH com 42.65% do voto popular.

OREGON: Possui 7 votos no sistema de colégio eleitoral e foi conquistado por CLINTON com 42.48% do voto popular.

PENSILVÂNIA: Possui 23 votos no sistema de colégio eleitoral e foi conquistada por CLINTON com 45.15% do voto popular.

RHODE ISLAND: Possui 4 votos no sistema de colégio eleitoral e foi conquistada por CLINTON com 47.04% do voto popular.

CAROLINA DO SUL: Possui 8 votos no sistema de colégio eleitoral e foi conquistada por BUSH com 48.02% do voto popular.

DAKOTA DO SUL: Possui 3 votos no sistema de colégio eleitoral e foi conquistada por BUSH com 40.66% do voto popular.

TENNESSEE: Possui 11 votos no sistema de colégio eleitoral e foi conquistado por CLINTON com 47.08% do voto popular

TEXAS: Possui 32 votos no sistema de colégio eleitoral e foi conquistado por BUSH com 40.56% do voto popular.

UTAH: Possui 5 votos no sistema de colégio eleitoral e foi conquistado por BUSH com 43.36% do voto popular.

VERMONT: Possui 3 votos no sistema de colégio eleitoral e foi conquistado por CLINTON com 46.11% do voto popular.

VIRGINIA: Possui 13 votos no sistema de colégio eleitoral e foi conquistada por BUSH com 44.97% do voto popular.

WASHINGTON: Possui 11 votos no sistema de colégio eleitoral e foi conquistado por CLINTON com 43.40% do voto popular.

VIRGÍNIA OCIDENTAL: Possui 5 votos no sistema de colégio eleitoral e foi conquistada por CLINTON com 48.41% do voto popular.

WISCONSIN: Possui 11 votos no sistema de colégio eleitoral e foi conquistado por CLINTON com 41.13% do voto popular.

WYOMING: Possui 3 votos no sistema de colégio eleitoral e foi conquistado por BUSH com 39.55% do voto popular.

Números finais	Voto popular
Votos eleitorais totais: 538	Clinton: 43.01%
Votos Clinton: 370	Bush: 37.45%
Votos Bush: 168	Perot: 18.91%
Outros: 0	Outros: 0.64%

POSICIONAMENTOS

Gabinete Democrata

Bill Clinton (Candidato à presidência e Governador do Arkansas):

Bill Clinton fará tudo que estiver ao seu alcance para se eleger. Como candidato e atual Governador do Arkansas, suas ações e pronunciamentos durante a candidatura afetam sua imagem e influenciam diretamente sua campanha. O governador não deve se esquecer das suas obrigações com o cargo: avaliações positivas ao seu mandato são essenciais para sua candidatura. A imagem do candidato é a peça mais importante de qualquer campanha. Seja na vida pessoal ou na política, um candidato deve sempre procurar causar uma boa impressão.

Hillary Clinton (Candidata a primeira-dama):

Hillary Clinton fará tudo que estiver ao seu alcance para que seu marido seja eleito. Apesar de não influenciar diretamente na política - não ajudar a escrever leis, não ter poder de voto na Câmara ou no Senado etc. - a manutenção de uma boa imagem da primeira-dama é quase tão importante quanto a do presidente em si. Hillary graduou-se em ciências políticas pela Wellesley College. Como primeira-dama do Arkansas, cofundou a Associação de Advogados em Defesa das Crianças e Famílias do Arkansas e liderou uma reforma no sistema de ensino do estado. Entre temas de seu interesse estão a igualdade de gênero e a reforma na saúde.

Al Gore (Candidato à vice-presidência):

O Vice-presidente, que também atua como Presidente do Senado, é o segundo mais alto cargo político nos Estados Unidos. O vice-presidente assume o cargo de presidente em caso de ausência do mesmo, já que é o primeiro na linha de sucessão presidencial. Al Gore é filho de Senador e fez licenciatura na Universidade de Harvard. Foi membro da Câmara dos Representantes de 1976 a 1984 e, desde então, é membro do Senado. Entre os temas de seu interesse estão as causas ambientais, o aquecimento global e o desmatamento. Como membro do Senado, ainda possui certas demandas que devem ser realizadas com louvor, já que a manutenção de uma boa imagem é essencial para a campanha. Seja na vida pessoal ou na política, um candidato deve sempre procurar causar uma boa impressão.

Harold M. Ickes (Presidente da campanha):

Harol M. Ikes trabalha no Partido Democrata há mais de trinta anos, tendo participado em diferentes campanhas. Como Presidente da campanha, Ickes fornece aconselhamento e representação em questões legislativas, regulamentares governamentais e aquisições, o que inclui o fornecimento de aconselhamento estratégico, planejamento e representação.

David Wilhelm (Gerente de campanha):

Enquanto crescia em Athens, Ohio, David começou vários projetos transformadores em sua comunidade. Já mais tarde, recebeu seu B.A. na Universidade de Ohio e um mestrado em Políticas Públicas na Universidade de Harvard. Como gerente de campanha, ele deve supervisionar as operações e dirigir as estratégias políticas necessárias para garantir mais colégios eleitorais, trabalhando em conjunto com o Estrategista-Chefe como o cérebro da campanha.

Paul Begala (Estrategista Sênior da campanha):

Paul é um consultor e comentarista político muito renomado que trabalhou por anos como parceiro de James Carville. É próximo do candidato. Suas maiores habilidades incluem política, comunicação e políticas públicas. Como Estrategista Sênior de campanha, ele deve planejar as operações e estratégias políticas necessárias para garantir mais colégios eleitorais, trabalhando em conjunto com o Gerente como o cérebro da campanha.

James Carville (Estrategista-Chefe da campanha):

James é um consultor político muito renomado, famoso não só nos Estados Unidos, mas em todo o mundo por suas estratégias de campanha criativas e inovadoras. Como Estrategista-Chefe de campanha, ele e seu parceiro Paul Begala, Estrategista Sênior, devem planejar as operações e estratégias políticas necessárias para garantir mais colégios eleitorais, trabalhando em conjunto com o Gerente como o cérebro da campanha. Além disso, ele namora Mary Matalin, operadora da campanha de Bush.

George Stephanopoulos (Diretor de Comunicações e Porta-Voz da campanha):

George é conselheiro do partido democrata, trabalhando como Diretor de Comunicações na campanha de Clinton. Stephanopoulos trabalhou na campanha presidencial de Michael

Dukakis em 1988. Após essa campanha, tornou-se líder da maioria na Câmara dos Representantes dos Estados Unidos, posição que ocupou até que se juntou à campanha de Clinton. Como Porta-Voz da campanha, Stephanopoulos, juntamente com os estrategistas e conselheiros, é responsável por moldar a imagem do candidato e decidir como ela deve ser passada ao público.

Dee Dee Myers (Estrategista de mídia da campanha):

Dee Dee Myers é uma analista política americana. A carreira de Myers na área de comunicação na política começou logo depois de se formar na faculdade, quando trabalhou na campanha presidencial de Walter Mondale em 1984. Sua personalidade na mídia era conhecida por seu humor e falta de paciência. Como estrategista de mídia da campanha, Myers trabalha junto com Stephanopoulos e Mandy Grunwald para moldar a imagem do candidato e decidir como ela deve ser passada ao público.

Mandy Grunwald (Diretora de publicidade da campanha):

Mandy Grunwald é filha do editor chefe da revista Time, se formou na Universidade de Harvard e trabalha com consultoria e publicidade no Partido Democrata. Como Diretora de Publicidade da campanha, trabalha com o modo pelo qual a imagem do candidato deve ser passada ao público, além de fazer aparições na grande mídia em defesa dele, dado à sua popularidade e a de sua família.

Stan Greenberg (Pesquisador da campanha):

Stan é um pesquisador e estrategista político americano. Ele é fundador da Greenberg Quinlan Rosner Research (GQR), uma empresa de pesquisa política de campanha que é intimamente filiada ao Partido Democrata. Como pesquisador da campanha, Stan busca respostas para as perguntas de outros cargos: quais mensagens funcionam? Quais mensageiros são mais eficazes? Quais são os principais alvos? Qual é o meio mais eficaz de transmitir informações? A partir disso, ele gera hipóteses, testa quadros, supervisiona execuções e, em seguida, lidera estratégias, juntamente com todos que estão trabalhando na campanha, baseadas na análise dos dados obtidos.

Mickey Kantor (Conselheiro-Geral da campanha):

Kantor recebeu o diploma de Bacharel em Negócios e Economia pela Vanderbilt University em 1961. Como Conselheiro-Geral da campanha, Kantor trabalha como braço direito do presidente e dos estrategistas nas mais diversas áreas, mas principalmente com negociações políticas e arrecadação de fundos para a campanha. Além disso, é amigo pessoal de Hillary Clinton.

Rahm Emanuel (Diretor Financeiro da campanha):

Ram Emanuel se formou na Universidade Northwestern, trabalhando com política no Partido Democrata. Como Diretor Financeiro, Emanuel deve conduzir campanhas nacionais de arrecadação de fundos para permitir que a campanha ganhe tempo na televisão. Além disso, deve supervisionar e autorizar a utilização desses fundos para que nada ultrapasse o orçamento.

Paul Tsongas (Candidato nas primárias):

Paul Tsongas é um político americano. Como rival das primárias de Clinton, Paul Tsongas ganhou oito estados, incluindo New Hampshire, Delaware, Maryland, Arizona, Washington, Utah e Massachusetts. Em março de 1992, Paul se retirou da corrida pela presidência, alegando falta de fundos de campanha, e declarou seu apoio a Clinton. Ainda assim, uma parcela de seus votantes continuou votando por ele nas pesquisas. Sua opinião e influência política apoiando a eleição de Clinton é muito importante para sua vitória. Além disso, ele foi diagnosticado com Linfoma não Hodgkin em 1983.

Jerry Brown (Candidato nas primárias):

Jerry Brown é um advogado e político americano. Foi governador do estado da Califórnia de 1975 a 1983, tentou concorrer ao Senado anteriormente e à presidência no presente ano. Brown era o favorito para competir à presidência, mas cometeu uma grande gafe logo antes da eleição, o que o tirou votos de estados essenciais. Ele é muito influente e muito conhecido dentro do Partido, por isso, sua opinião a favor da eleição de Clinton é de extrema importância para a vitória dele.

Larry Agran (Candidato das primárias):

Larry Agran buscou sem sucesso a indicação do Partido Democrata para presidente em 1992. Os membros da sua equipe de campanha alegam que sua candidatura foi geralmente ignorada pela mídia, já que ela não teria divulgado seus números eleitorais e o teria impedido de participar de debates televisivos. Além disso, também alegou que os próprios funcionários do partido o excluíram da maioria dos eventos. Apesar disso e de ocupar apenas um cargo local e não ser conhecido fora da Califórnia, em uma pesquisa em 22 de janeiro de 1992, ele empatou com dois conhecidos políticos nacionais: o senador Tom Harkin, de Iowa, e o ex-governador Jerry Brown. Com isso, sua opinião e influência política apoiando a eleição de Clinton pode ser importante para a vitória dele.

Tom Harkin (Senador do Iowa e candidato nas primárias):

Tom Harkin é um político estadunidense, membro do Partido Democrata e atual Senador pelo estado de Iowa. Serviu na Câmara dos Representantes dos Estados Unidos entre 1975 e 1985. Temas nos quais exerce grande influência são saúde, educação e trabalho. Sua corrida durante as primárias foi marcada pelo seu populismo e o grande apoio da classe trabalhadora. Ele foi o primeiro candidato nas primárias a se retirar e dedicar seu apoio à Clinton.

Bob Kerrey (Senador do Nebraska e candidato nas primárias):

Bob Kerrey é um político americano que serviu como 35º governador de Nebraska de 1983 a 1987 e atualmente é Senador pelo estado de Nebraska. Antes de entrar na política, ele serviu na Guerra do Vietnã como oficial SEAL da Marinha dos Estados Unidos e recebeu a Medalha de Honra por heroísmo em combate. Em setembro de 1991, Kerrey anunciou sua candidatura para a indicação democrata de 1992 para presidente. Em um pequeno campo de cinco candidatos de segundo nível sem um favorito inicial, Kerrey foi visto como o favorito inicial. Sendo querido pela população, o apoio de Kerrey pode ser essencial para a vitória.

Bob Casey (Governador da Pensilvânia):

Bob Casey é um político e advogado estadunidense membro do Partido Democrata. Atualmente, é Governador do estado da Pensilvânia. Durante as primárias, o governador criticou esse processo e afirmou que ele teria produzido um candidato que não teria condições de ganhar. Mesmo desacreditado, sua devoção e responsabilidade é ao Partido Democrata. Dessa forma, ele deve usar sua influência política para aumentar as chances do candidato.

Pat Schroeder (Membro da Câmara dos Representantes pelo Colorado):

Pat Schroeder é uma política americana filiada ao Partido Democrata, sendo a primeira mulher que representou o Colorado na Câmara dos Representantes dos Estados Unidos. Em 1987, ela presidiu a campanha presidencial de Gary Hart até sua retirada, momento em que ela entrou brevemente na corrida, antes de anunciar sua própria retirada em uma coletiva de imprensa emocionante em 28 de setembro de 1987. Em 1989, ela escreveu um livro intitulado *Champion of the Great American Family*: um livro pessoal e político que discutiu sua própria história pessoal e esforços legislativos para promulgar políticas sobre questões familiares, como licença parental, creche, economia familiar e planejamento familiar. Pat é uma política muito influente na área da igualdade de gênero.

Gabinete Republicano

George Bush (Candidato à presidência e atual presidente):

George Bush fará tudo que estiver ao seu alcance para se eleger. Como candidato e atual presidente, suas ações e pronunciamentos durante a candidatura afetam sua imagem e influenciam diretamente sua campanha. O presidente não deve se esquecer das suas obrigações com o cargo: avaliações positivas ao seu mandato são essenciais para sua reeleição. A imagem do candidato é a peça mais importante de qualquer campanha. Seja na vida pessoal ou na política, um candidato deve sempre procurar causar uma boa imagem.

Barbara Bush (Candidata e atual Primeira-Dama):

Barbara Bush fará tudo que estiver ao seu alcance para que seu marido seja eleito. Apesar de não influenciar diretamente na política - não ajudar a escrever leis, não ter poder de voto na Câmara ou no Senado etc. - a manutenção de uma boa imagem da primeira-dama é quase tão importante quanto a do presidente em si. Barbara foi segunda-dama dos Estados Unidos de 1981 a 1989 e primeira-dama desde então. Fundadora da Fundação Barbara Bush para Alfabetização Familiar, era defensora da alfabetização de jovens e adultos, uma causa que a influenciava diretamente devido à dislexia sofrida por seu filho Neil. Através de sua fundação, deu apoio a diversas organizações que estimulavam hábitos de leitura entre crianças e adultos.

Dan Quayle (Candidato à vice-presidência e atual vice-presidente):

O Vice-presidente, que também atua como Presidente do Senado, é o segundo mais alto cargo político nos Estados Unidos. O vice-presidente assume o cargo de presidente em caso de ausência do mesmo, já que é o primeiro na linha de sucessão presidencial. Dan Quayle se tornou advogado pela Universidade de Indiana, exercendo a profissão até ser eleito para o Congresso dos Estados Unidos em 1976, no qual foi membro até sua eleição para o Senado em 1980. Atualmente, como vice-presidente, Quayle visitou oficialmente mais de 40 países e foi nomeado presidente do National Space Security, além de ser porta-voz da administração política e conselheiro do presidente. Entre os temas de seu interesse estão reformas no sistema político, administração e ênfase nos valores tradicionais da família americana. A manutenção de sua boa imagem é essencial para a campanha: seja na vida pessoal ou na política, um atual vice-presidente e candidato pretendendo se reeleger deve sempre procurar causar uma boa impressão.

Fred Malek (Gerente da campanha):

Fred é um empreendedor, filantropista e conselheiro político estadunidense. Fred foi chamado para se tornar Chefe de Gabinete da Casa Branca durante o atual governo de Bush, no entanto, precisou recusar. Em setembro de 1989, Malek foi nomeado pelo presidente Bush para coordenar os planos para a cúpula econômica de 1990 das nações industrializadas. A nomeação foi um sucesso e, em 1992, Bush nomeou Fred Malek como gerente de campanha para sua reeleição. Como gerente de campanha, ele deve supervisionar as operações e dirigir as estratégias políticas necessárias para garantir mais colégios eleitorais, trabalhando como o cérebro da campanha.

Robert Teeter (Pesquisador da campanha):

Robert Teeter é um pesquisador republicano e estrategista de campanha. Como pesquisador da campanha, Stan busca respostas para as perguntas de outros cargos: quais mensagens funcionam? Quais mensageiros são mais eficazes? Quais são os principais alvos? Qual é o meio mais eficaz de transmitir informações? A partir disso, ele gera hipóteses, testa quadros, supervisiona execuções e, em seguida, lidera estratégias, juntamente com todos que estão trabalhando na campanha, baseadas na análise dos dados obtidos.

Robert Mosbacher (Captador de fundos da campanha):

Robert Mosbacher é um homem de negócios e político filiado ao Partido Republicano. Anteriormente, Mosbacher em 1970 chefiou o esforço de arrecadação de fundos para George H. W. Bush em sua derrota na campanha para o Senado contra Lloyd M. Bentsen e novamente nas campanhas de Bush para presidente em 1980, 1988 e atual. Como Captador de Fundos, ele deve conduzir campanhas nacionais de arrecadação de fundos para permitir que a campanha ganhe tempo na televisão, considerando que nenhum dinheiro público pode ser usado na campanha.

Nicholas F. Brady (Secretário de Tesouraria):

Nicholas é um político estadunidense. Foi Secretário de Tesouraria dos Estados Unidos no mandato de Ronald Reagan e no atual de Bush. Ficou conhecido por lançar o Plano Brady em 1989. Como Secretário de Tesouraria, ele é responsável pelos assuntos financeiros e monetários do país, além de algumas ordens de defesa e segurança nacional. Durante a campanha, deve-se assegurar que nenhum dinheiro público seja utilizado, mas ajudar com estratégias para arrecadação de fundos.

Richard Darman (Diretor de Gerência e Orçamento):

Richard Darman é um homem de negócios e oficial do governo que serviu no mandato de Ronald Reagan e no atual de Bush. A diretoria de gerência e orçamento tem como função principal produzir o orçamento do presidente, mas também examinar os programas, políticas e procedimentos das agências para verificar se elas estão em conformidade com as políticas e o orçamento do presidente. Durante a campanha, ele deve supervisionar e autorizar a utilização de fundos arrecadados (nunca dinheiro público) para que nada ultrapasse o orçamento.

Barbara Franklin (Secretária de Comércio):

Barbara é uma diretora corporativa e mulher de negócios que trabalha no governo de Bush como Secretária do Comércio e já serviu nos mandatos de quatro últimos presidentes. Como Secretária de Comércio, ela atingiu seu objetivo principal: aumentar as exportações americanas, principalmente com China, Rússia, Japão e México. Além de importante peça da campanha de Bush no cenário econômico e de relações internacionais, ela também deve organizar atividades de divulgação e de arrecadação de fundos para a campanha.

Carla Anderson Hills (Representante Comercial):

Carla Anderson Hills é uma advogada e figura pública estadunidense. Ela trabalhou como Secretária da Habitação e Desenvolvimento Urbano no governo de Gerald Ford. Ela implementou a Lei Omnibus de Comércio Exterior e Competitividade de 1988 para ir atrás de países que eram considerados comercialmente injustos com os EUA, o que permitiu aos EUA impor tarifas muito favoráveis à economia do país. Ela é importante na campanha para assegurar boas relações internacionais e melhoria da economia, dois pontos que podem ser essenciais na campanha de Bush.

Lynn Morley Martin (Secretária do Trabalho):

Lynn Morley Martin é uma mulher de negócios e política estadunidense. Ela foi eleita para a Câmara de Representantes de Illinois (1977–79), Senado de Illinois (1979–80) e para a Câmara dos Representantes dos EUA (1981–91). Na Câmara dos Estados Unidos, ela foi vice-presidente da Conferência Republicana. Fiel ao governo Reagan, ela ajudou o então vice-presidente George H.W. Bush com sua preparação para o debate vice-presidencial de 1984 contra Geraldine Ferraro. Bush a considerou uma possível candidata em sua campanha presidencial de 1988, mas acabou escolhendo Dan Quayle. Como Secretária do Trabalho e controla o Departamento do Trabalho dos Estados Unidos e aplica e sugere leis envolvendo sindicatos, locais de trabalho e todas as outras questões relacionadas a qualquer forma de trabalho.

Manuel Lujan Jr (Secretário de Relações Interiores):

Manuel Lujan Jr é um político americano do Novo México que serviu na Câmara dos Representantes dos EUA como um republicano de 1969 a 1989 e como Secretário do Interior dos Estados Unidos de 1989 a 1993. Como Secretário de Relações Interiores, é o chefe do Departamento do Interior dos Estados Unidos, responsável pela gestão e conservação da maioria dos terrenos e recursos naturais federais. Seu objetivo deve ser equilibrar o uso de recursos em terrenos públicos e as preocupações com a preservação ambiental e assuntos indígenas.

Mary Matalin (Operadora da campanha):

Mary Matalin é uma consultora política filiada ao Partido Republicano. Como operadora de campanha, trabalha como braço direito do presidente e demais membros do time nas mais

diversas áreas, dirigindo estratégias políticas necessárias para garantir mais colégios eleitorais. Além disso, ela namora James Carville, Estrategista-Chefe da campanha de Clinton.

James Baker (Secretário de Estado):

James Baker é político e diplomata dos Estados Unidos da América. Atualmente, James é Secretário de Estado. Tendo ajudado Bush a se eleger desde sua campanha para o Senado em 1970, a influência política e as habilidades de liderança de Baker são essenciais para a reeleição.

Dick Cheney (Secretário de Defesa):

Dick Cheney é um político e empresário estadunidense. Cheney foi escolhido por George H. W. Bush para servir como seu Secretário de Defesa, onde, à frente do Departamento de Defesa, Cheney supervisionou a Operação Tempestade no Deserto na Guerra do Golfo, entre outras ações. A Guerra do Golfo é uma das questões de política externa e defesa estatal mais importantes no contexto atual, tornando-se essencial a participação do Secretário na campanha.

Ed Derwinski (Secretário de Questões dos Veteranos):

Ed Derwinski é um político americano e o primeiro a exercer o cargo de Secretário de Questões dos Veteranos. Derwinski serviu no Exército dos Estados Unidos no Teatro de Operações do Pacífico durante a Segunda Guerra Mundial e na ocupação do Japão pelos EUA no pós-guerra. Como Secretário de Questões dos Veteranos, ele ajuda na readaptação de veteranos em um contexto pós-guerra. Considerando que a Guerra do Golfo é uma das questões de política externa e defesa estatal mais importantes no contexto atual, as ações de Derwinski durante a campanha podem ser essenciais para conseguir a vitória.

William Barr (Procurador-Geral):

William Barr é um procurador e funcionário do governo estadunidense. Como Procurador-Geral dos Estados Unidos ele dirige o Departamento de Justiça dos Estados Unidos e é encarregado, do Poder Executivo dos EUA, de todos os assuntos relacionados com o direito e responsável pela fiscalização da aplicação das leis. Como procurador-geral adjunto, Barr

autorizou uma operação do FBI em 1991 que libertou reféns na prisão federal de Talladega. Defensor influente de políticas de justiça criminal mais rigorosas, o apoio de Barr é muito importante para a reeleição.

Clayton Yeutter (Conselheiro do Presidente):

Clayton Yeutter serviu como Secretário da Agricultura dos Estados Unidos no governo do presidente George H. W. Bush de 1989 a 1991 antes de servir como conselheiro do presidente em 1992. Como Conselheiro do Presidente, Yeutter trabalha como braço direito dele e dos estrategistas nas mais diversas áreas, mas principalmente com negociações políticas, administração econômica e conselhos domésticos.

Karl Rove (Consultor Político):

Karl Rove é um consultor político, conselheiro político e lobista estadunidense. Como Consultor Político, ele deve atuar como especialista em relações públicas, vendedor e gerente. Ele trabalha como braço direito do presidente e dos estrategistas nas mais diversas áreas, mas principalmente com negociações políticas, divulgação midiática e arrecadação de fundos para a campanha. Rove é comprometido com a verdade e a valorização das tradições.

Pat Buchanan (Candidato nas primárias):

Pat Buchanan é um político estadunidense filiado ao Partido Republicano. Em 1992, Buchanan concorreu pela primeira vez para presidente, entrando nas primárias do Partido Republicano contra o presidente George H. W. Bush. Durante sua campanha, ele prometeu redução de imigração e identificação ao multiculturalismo, bem como oposição ao aborto e casamento gay. Ele perdeu nas primárias, mas conseguiu quase 3 milhões de votos, 23% de todos os votos. Sua opinião e influência política podem ser essenciais para a vitória de Bush.

Jornais

Washington Post:

O Washington Post é um dos veículos de mídia mais respeitados dos Estados Unidos da América. Fundado em 1877 e contabilizando 69 Prêmios Pulitzer, o jornal fisicamente localizado em Washington DC, é focado em notícias políticas e jornalismo investigativo,

sendo um dos principais responsáveis por trazer à tona o escândalo de Watergate que resultou na renúncia do presidente Nixon em 74. Este jornal assume um compromisso firme com a verdade, de maneira quase espartana. Cada erro por parte dos candidatos deve ser explorado e cada acerto tratado com as devidas honras. Independente de partidos, o jornal serve como um analisador crítico dos fatos e suas possíveis consequências e é assim que os correspondentes do Post devem se posicionar durante o comitê.

Wall Street Journal:

O Wall Street Journal é um dos veículos de imprensa mais respeitados dos Estados Unidos. Fundado em 1889 e contabilizando 37 prêmios Pulitzer, o jornal fisicamente localizado em Nova York, mas que publica para todo o mundo notícias de finanças e política tipicamente pertinentes a um demográfico de classe alta estadunidense e por isso tende a uma vertente mais conservadora. É importante que o jornalista do Wall Street Journal tenha seu público-alvo em mente quando exercitar seu senso crítico na elaboração de suas matérias.

New York Times:

O New York Times é um dos maiores expoentes do jornalismo estadunidense desde sua fundação em 1851 e durante sua trajetória, contabiliza 117 prêmios Pulitzer, a maior quantidade de qualquer veículo de notícias no planeta. O jornal sediado em Nova York serve a um público amplo e de todas as classes sociais, oferecendo cobertura dos mais diversos tópicos. Entretanto, não é estranho que um jornal que ressoa tão bem com a população nova-iorquina tenha tendências de esquerda-liberal, e por isso sua parcialidade é constantemente monitorada e questionada pela sua concorrência e oposição. Independente de fatores externos, o jornal assume firme compromisso com as necessidades do povo americano e constantemente assume para si o fardo de advogar por elas, e é com isto em mente que o jornalista do Times deve se portar no comitê.

REFERÊNCIAS

“CNN Brasil.” CNN Brasil - Eleições Nos EUA, CNN, www.cnnbrasil.com.br/internacional/2020/09/23/eleicoes-nos-eua-confira-a-agenda-de-debates-dos-candidatos-a-presidente-e-vice. Accessed 12 Feb. 2020.

“Michael Bloomberg Injeta 100 Milhões Na Campanha Eleitoral.” Brasil - El Pais, Brasil - El Pais, brasil.elpais.com/internacional/2020-09-14/michael-bloomberg-injeta-100-milhoes-de-dolares-na-campanha-de-biden-na-florida.html. Accessed 8 Apr. 2021.

“Financiamento Das Campanhas Eleitorais Nos EUA.” BBC News, BBC, www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/07/130710_financiamento_eleicoes_dg. Accessed 8 Apr. 2021.

“Guerra Do Golfo.” História Do Mundo, HDM, www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/guerra-do-golfo.htm. Accessed 8 Apr. 2021.

“Taxação de Fortunas Nos EUA.” ValorInveste, VI, valorinveste.globo.com/blogs/rafael-gregorio/noticia/2020/03/18/nos-eua-bilionarios-fazem-lobby-para-pagar-mais-impostos-conheca-alguns-deles.ghtml. Accessed 8 Apr. 2021.

“Electoral College X Popular Vote.” OPEU ORG, OPEU, www.opeu.org.br/2019/07/04/escolha-presidencial-nos-eua-colegio-eleitoral-x-voto-popular. Accessed 8 Apr. 2021.

“História Dos Partidos Americanos.” AA, AA, brasilecola.uol.com.br/historia-da-america/historia-dos-partidos-republicano-democrata-dos-eua.htm. Accessed 8 Apr. 2021.

Leip, David. “Dave Leip’s Atlas of U.S. Presidential Elections.” United States Presidential Election Results, 2019, uselectionatlas.org/RESULTS/index.html.

Marschall, Melissa J., and Amanda Rutherford. “Voting Rights for Whom? Examining the Effects of the Voting Rights Act on Latino Political Incorporation.” *American Journal of Political Science*, vol. 60, no. 3, 2015, pp. 590–606. Crossref, doi:10.1111/ajps.12182.

Pagaduan, Megan. "What About the Asian Vote?" Berkeley Political Review, Aug. 2020, bpr.berkeley.edu/2020/08/10/what-about-the-asian-vote.

Perkins, Heather. "Chapter 6: Elections." Book of the States 2019, The Council of State Governments, 2019, pp. 224–30.

"Research Guides: American Politics: State and Local Politics." Princeton University Library, 2021, libguides.princeton.edu/politics/american/states.

Roper Center for Public Opinion Research. Cornell University, ropercenter.cornell.edu/how-groups-voted-1992. Accessed 5 Apr. 2021.

The Library of Congress. "Voting Rights for African Americans | The Right to Vote | Elections | Classroom Materials at the Library of Congress | Library of Congress." The Library of Congress, Congress. Gov, www.loc.gov/classroom-materials/elections/right-to-vote/voting-rights-for-african-americans. Accessed 5 Apr. 2021.